



A Saga de

Mitrax

Ressurrectio Immortalis

Parte II:

I gni

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



relincho dos cavalos, desesperados, ecoava de

maneira estranha por aquela manhã sangrenta. Gritos provinham de todas as partes. Pessoas corriam, sendo que algumas eram varadas pelas lanças dos cavaleiros. O calor das casas em chamas ardia na face, os olhos lacrimejavam de ardor e pesar. Ao mesmo tempo, a lama, afogada pelos cascos dos quadrúpedes, tornava os passos fugidios incertos, tornava tépido o que acima era fogo e escondia os corpos já sem vida. As cores da bandeira de Beliária, o dourado e o verde, e também os estandartes estampados com as asas de anjo, dotavam a cena de um ar psicodélico e onírico. Os soldados do rei Asturfo, a maioria a cavalo, passavam a população ao fio da espada, já tendo derrotado todo o frágil exército inimigo. Pessoas sujas e desgrenhadas eram arremessadas na lama, jogadas para o lado ou simplesmente varadas por frias lâminas, sem critério a escolher quem viveria ou morreria, apenas ao sabor do mero acaso. Os soldados, enlouquecidos pela adrenalina da recente batalha, já nada mais raciocinavam, apenas seguiam um instinto assassino, sem ordem, sem gleba. As pessoas se defendiam inutilmente com facas caseiras ou mesmo pedaços de paus. Muitas conseguiram fugir, mas outras não tiveram tal sorte.

Mas, dentre vigas e paredes de madeira que despencavam, embebidas em fogo, uma figura singular avançava pelo campo do horror a passos firmes. Sua bela e jovem fisionomia, incomparável, contrastava com a mais pura determinação. E uma expressão de, ao mesmo tempo, raiva e frieza tornava o seu ser concomitantemente terrivelmente atraente e languidamente amedrontador.

Ela segurava o cajado negro retorcido e se aproximava rapidamente dos soldados arrastando a barra de sua bata na lama. Os soldados, inebriados pelas suas atrocidades, não perceberam a sua aproximação, exceto um cavaleiro, vestido com armadura de couro, que

partiu sobre ela, esporeando a sua montaria, empunhando uma lança. Aproximou-se rapidamente da maga, com o casco do seu cavalo jogando lama longe e ao alto, resfolegando fumaça branca, mas, antes que pudesse atingi-la, ele, inexplicavelmente, pegou fogo, explodindo num mar de labaredas, antes mesmo de seu cavalo poder alterar o seu galope. Assim, passou ao largo de Meissa, sem que essa ao menos piscasse e deixasse de caminhar no mesmo ritmo.

Ela parou no meio do campo da hecatombe, onde outrora talvez fosse uma pacata praça, situada bem no centro daquela pequena cidade. Ergueu o seu cajado, rodopiando-o no ar, e disse:

-Destilatio!

Cerca de quarenta por cento dos soldados usavam armadura. Ao dizer aquelas palavras, aquelas armaduras todas derreteram e os homens que estavam no interior morreram agonizando e gritando de horror. Os demais se detiveram e olharam para a maga. Ela, aos plenos dezesseis anos, talvez fosse a mulher mais bonita do mundo. Isso, aliado às histórias que ouviram sobre os magos de Lumerae, os fez ficar temerosos. Mesmo assim, ainda eram dezenas contra uma, então, um jovem capitão fez um sinal para alguns comandados e cercou a maga com mais dez homens.

-Tens alguma preferência pelo tipo de morte que vais ter? – indagou ele, enquanto muitas pessoas comuns aproveitavam a ocasião para fugir, sem que os demais soldados os perseguissem, pois estavam interessados em observar o desfecho daquele episódio.

Ela nada disse, mas o olhar que ela lhe dirigiu o congelou. Era um olhar frio, distante e superior, como se o capitão fosse um mero grão de areia, absolutamente insignificante diante do Universo. E o efeito daquele olhar era fulminante. Ele engoliu a seco e quase deu um passo para trás. Passou a suar e tremer levemente. Mas Meissa via aqueles homens como uma mera perda de tempo. Assim, ergueu novamente o cajado e, ao proferir a palavra “calcinatio”, eles se fizeram em chamas.

Então, ela continuou a caminhar, como se nada tivesse acontecido, na direção dos últimos soldados. Temerosos, eles sacaram suas espadas. Um deles, que ainda segurava uma senhora, magra e paupérrima, pelos cabelos, puxou-a para si, colocando a espada em seu pescoço, dizendo à maga:

-Para aí, senão degolo esta!

Meissa ainda deu alguns passos e se deteve. Estava a três ou quatro passos dele. Ela o mirou da mesma forma que fizera com os outros e a sua resposta o desconcertou mais ainda, pois Meissa, dando de ombros, disse com uma voz fria e sem sentimentos:

-Uma a mais ou a menos não vai fazer diferença.

Por uns instantes, o soldado não soube o que fazer, mas, sem encontrar uma saída para aquela situação, simplesmente iniciou um movimento para passar o pescoço daquela

senhora – que tremia e gemia – ao fio da espada. Mas, antes que iniciasse esse intento, a maga já havia emitido o seu encantamento:

-Putrefatio! – disse ela, ainda fria e sem sentimento.

Os membros do soldado perderam a força. Rapidamente, suas carnes se desfizeram, surgindo feridas espalhadas pelo corpo, fazendo com que a matéria orgânica secasse e se transformasse em pó, a pele murchasse e se enrugasse, até que o esqueleto aparecesse e, sem vida ou consistência, caísse no chão.

A senhora caiu no solo de joelhos, soluçando. Os demais soldados, esperando a mesma sorte que os companheiros, passaram a fugir, ultrapassando a maga. Esta não se virou, apesar de, agora, eles fugirem às suas costas. Apenas elevou o cajado novamente.

#####

A nave do salão de audiências do palácio de pedra em Beliária estava lotado. A corte se acotovelava no recinto, em meio a soldados, cavaleiros, arqueiros e lanceiros em armadura de metal, todos armados. Todos estavam curiosos para ver o menino que se declarara o rei absoluto da Mesovíngia Oriental. O rei Asturfo, com os seus cento e vinte quilos, estava jogado sobre o trono, inclinado para a direita, enfiado em camadas e mais camadas de tecidos finos e leves, ao seu lado, sentada no chão, estava sua mais recente concubina, toda vestida de branco e com os cabelos presos. Ele parecia enfadado, pois tamborilava com os dedos sobre uma das laterais do requintado trono, mas, na verdade, estava temeroso. Não sabia o porque, mas seu coração estava constrangido com aquele senhor e aquele menino que agora adentravam o recinto, caminhando sobre o longo tapete vermelho.

Sirius segurava o seu cajado, mais leve do que aparentava. Estava com os cabelos aparados na altura da nuca e a barba cortada rente a pele, bem cuidada e, embora já fosse um senhor de meia idade, com alguns fios grisalhos, chamou a atenção de todas as damas da corte. Vestia aquilo que se tornaria a vestimenta clássica dos magos de Lumeræ: uma túnica de mangas longas de um tom azul bem claro, cuja barra, em formato de “V”, se encontrava na altura dos joelhos, escondendo parcialmente as calças, também azuis claras, mas num tom um pouco mais escuro. Já Alionor, caminhando ao seu lado, aos seus treze anos, se tornara um jovem esguio e franzino, pois crescera rápido sem ganhar muito peso. Ultrapassara a altura dos ombros do mago e não podia esconder as enormes espinhas do rosto. Ninguém daria nada por ele, entretanto, ambos entraram ali, sozinhos, no covil do inimigo, sem um único indício de medo.

Eles pararam a dois metros do trono do rei de Beliária e se inclinaram, porém, sem se ajoelhar. Sirius se apressou em falar:

-Lumeræ saúda o rei de Beliária. Que ele tenha um longo reinado. Vossa alteza, se me permitirdes, estamos aqui para...

Mas o rei o interrompeu, com uma voz enérgica:

-Eu sei porque estais aqui!

Depois, o rei olhou para o menino e completou:

-Então esse é o menino que se declarou o rei dos reis!

Entretanto, disse aquilo em tom de deboche, assim, toda a corte caiu na risada. Mas Alionor não demonstrou ter se abalado.

-Podeis me dizer como um garoto tão frágil pretende reger toda a Mesovíngia, desde o Baixo Mégion até as terras de Armon?

A fala tinha a intenção de ridicularizar o pretendente, conseqüentemente, novas gargalhadas se elevaram na multidão. Em seguida, Asturfo, ainda rindo, fez um sinal, e um homem idoso, ricamente vestido com um manto vermelho e branco, se aproximou do rapaz e passou a analisá-lo de alto a baixo com os olhos. Sirius sabia quem ele era: um pretenso mago do reino. Mas Sirius sabia também que ele não era mago algum, não tinha o poder coroado por muitas encarnações de sofrimento e aprendizagem.

Após examiná-lo, passou a sorrir e balançar a cabeça negativamente para o rei, aproximando-se dele e cochichando no seu ouvido:

-Não tem poder algum! Trata-se de um menino comum!

Mas Sirius sabia ler os lábios, e constatou que, por meios falsos, o pretenso mago dissera a verdade ao rei. De fato, Alionor não tinha poder algum. Nesse aspecto, era um rapaz comum. Contudo, ele tinha algo muito mais importante que o poder da magia e que o tornava extraordinário: tinha uma vontade genuína de ajudar as pessoas sem esperar nada em troca.

-E o que poderia me convencer a me ajoelhar perante esse menino insignificante? – indagou o rei.

Contudo, Sirius não quis se enveredar por esse caminho de discussão. Para ele, a condição de Alionor era indiscutível.

-Ao reconhecer Alionor como o Grande Rei, podereis conservar vossa coroa. Ainda continuareis a ser o monarca de Beliária.

Asturfo riu novamente. Depois ficou sério e completou:

-Um rei deve ser forte e determinado. Altivo e superior. Do contrário, não haverá estabilidade em seu reino!

-Ser forte e determinado significa cometer genocídios, matar pessoas inocentes para entregar os filhos às salamandras? – indagou o mago, em tom de seriedade.

O rei se sentiu ultrajado. Lentamente, levantou-se. Aproximou-se de Sirius e disse, com os dentes cerrados:

-Um rei tem que fazer o que é necessário para manter o seu reino. Está além da compreensão de pessoas simples como vós!

-Ah – exclamou o mago, - uma verdade conveniente. Todo aquele que comete crimes pode encontrar sua justificativa de uma forma ou outra. Basta construir uma própria verdade, pessoal, idiossincrática. Qual é a verdade que elegestes para vós mesmo?

Nesse momento, Alionor olhou para o teto e suspirou, achando que o mago tinha posto tudo a perder com a sua sinceridade.

-Chega! – disse o rei. – Não estou aqui para ouvir insultos!

E fez um aceno com o braço e, logo, Sirius e Alionor estavam cercados por vários arqueiros. O rei, então, sentou-se confiante e com um ar mais sereno, enquanto que os vários membros da corte se afastavam em meio a murmúrios.

É claro que Sirius sabia o que ia acontecer e, antes que o rei, friamente, quase com desdém, dissesse:

-Matai-os!

...ele bateu com o cajado no chão, entoando:

-Iluminatio!

Imediatamente, uma luz tão forte partiu do cajado, em todas as direções, que cegou a todos. E a luz permaneceu, forte, durante quase um minuto. Nesse período, nada podia ser visto, a não ser um branco absoluto e cegante. A maioria dos arqueiros não disparou, mas alguns, desorientados, sim, atingindo os próprios companheiros. Gritos de medo e desorientação era a única coisa que podia ser sentida. Quando a luz cessou, gradualmente, após esse intervalo de tempo, a multidão olhava entre si, desorientada. Sirius e Alionor haviam desaparecido.

#####

Uma estranha dupla vinha caminhando pela estrada, ainda a dois quilômetros do portão principal de Landulia. Uma menina, ligeiramente rechonchuda, aparentando uns oito ou nove anos, e um senhor calvo exceto nas laterais, esguio e alto. Vestiam ambos hábitos lumeraeanos. E o diálogo entre eles também era suigêneris.

-Ai! – gritou ela. – Uma porcaria de pedra entrou no diabo do meu sapato!

O ancião riu.

-Essa linguagem barata não cai bem numa moça de vossa categoria, senhorita!

-Categoria? – respondeu ela, abaixando-se para tirar a pedra. – A lazarenta dessa pedra é doída!

Bethelguelse caprichou para tirar a pedra e limpar cuidadosamente tanto o interior do sapato quanto o próprio pé, colocando a língua no canto da boca.

-Devemos nos apressar, senhorita – insistiu o ancião, vendo que ela se demorava na tarefa, - a rainha concordou em nos receber antes do sol se por.

-Já tô indo, já tô indo! – exclamou ela.

E assim foram. Antes do fim do dia, apresentaram-se no salão de audiências do salão do palácio. Após esperarem por alguns minutos, a entrada da rainha foi anunciada por um arauto:

-Vossa majestade, a rainha de Barratas!

Solenemente, a já madura rainha entrou no recinto, por uma porta lateral, cercada por um séquito de damas de companhia, mas sem nenhuma proteção militar. Trajava um longo vestido preto bordado, feito de grosso tecido e, aparentemente, ela já atingira os seus sessenta anos. Era alta e esguia, mas sua fisionomia era séria e Bethelguelse intuiu que ela guardava em si uma grande dor. Mas sua atenção foi desviada, pois Rigel inclinou-se e cochichou no seu ouvido:

-Cuidado com o palavreado!

A menina ia responder alguma coisa malcriada, mas a rainha, rápida, já estava ao seu lado:

-Ah, então essa é a menina profetisa de Lumerae!

Mas Bethelguelse foi educada, inclinou-se e respondeu:

-Majestade!

A rainha sorriu, mas a pequena maga não pode deixar de notar um certo nervosismo. Ou seria ansiedade? Sílvia, a soberana de Barratas, sentou-se no trono, enquanto dizia:

-E então, pequena profetisa, adivinhas alguma coisa sobre o futuro deste reino?

Bethelguelse deu um passo à frente, em direção ao trono, respondendo:

-Não tenho controle sobre minhas visões, majestade. Não posso ver o futuro quando eu quero. Apenas acontece que coisas me vêm, sobre temas que não escolho, nas horas mais imprevisíveis.

-Sei... – completou a rainha, parecendo pensar em outra coisa.

-Se me permitirdes, majestade, - adiantou-se Rigel, - deveis saber porque estamos aqui...

-Eu sei – respondeu ela, segurando ambas as laterais do trono. – Estou disposta a reconhecer o jovem rei...

-Não vos arrependereis, majestade – continuou Rigel, fazendo uma mesura. – Verás que vosso poder não diminuirá, muito pelo contrário, já que, pelo vosso voto, podereis influenciar as decisões sobre toda a Mesovíngia!

-Mas eu tenho uma condição... – disse ela, com um olhar distante.

-Condição, majestade? – indagou o servo de Lumeræe.

-Sim. Meu filho, o príncipe herdeiro, está terrivelmente doente. Se o curardes, então concordarei em submeter Barratas à coroa do jovem Alionor.

Rigel e Bethelguelse se olharam. Não esperavam ter que exercer, ali, os seus conhecimentos sobre medicina.

#####

Os irmãos Estuven vinham cavalgando lado a lado, lentamente, para acompanhar o ritmo da carroça que vinha logo atrás. Essa levava uma espécie de jaula abarrotada de pessoas. Godos virou-se para o irmão e, sorrindo como sempre, disse:

-Ei, parece que nossa vida não mudou muito, não é?

-Preferes voltar ao que éramos antes? – indagou Dantos, em resposta.

-Bem... é melhor salvar gente dos mercadores de gente do que estar à mando das salamandras!

-Quem diria, Godos... Tu te transformando num bom menino! – ironizou Dantos.

Godos já abria a boca para dar uma boa resposta, quando um barulho os interrompeu. Ao som de um audível “crec”, os cavalos da carroça empinaram e relincharam. O condutor teve trabalho para acalmá-los, enquanto tentava parar a carroça que, ainda puxada, deslizava inclinada, enquanto as pessoas, jogadas para um único lado da jaula, gritavam.

-Uma roda se quebrou! – gritou Dantos para as pessoas. – Calma!

Gradativamente, os irmãos ajudaram as pessoas a sair da carroça. Depois foram examinar o estrago.

-Quebrou feio! – concluiu Godos.

-Certo. – Concordou Dantos. - Um de nós fica aqui, para proteger a “carga” e o outro volta até Ibli para comprar outra roda. Eu fico e tu vais!

-Ah, não! – respondeu Godos. – Vamos tirar no palito!

-De novo?

-Sim, senhor! – disse o irmão mais forte, já apresentando a dupla de palitos sobre a luva preta, um maior e outro menor.

-Tá bem! Vá lá! – disse Dantos, conformado.

Então, Godos fechou a mão, escondendo os palitos de forma que aparecesse apenas duas pontas e aproximou o punho do irmão. Dantos retirou um deles e, evidentemente, era o menor.

-Perdeste! Há, há! – exclamou Godos.

Dantos olhou desconfiado para ele e retrucou:

-De alguma forma, sei que roubas nesse jogo. Um dia vou descobrir como!

-Ora, irmão, quando vais te convencer que és mesmo azarado?

Mas Dantos não queria ficar discutindo. Tratou logo de montar em seu cavalo branco de um pulo e, sem segurar na rédea, saiu em disparada, aproveitando para ter a palavra final:

-E vê se não vais perder a “carga”!

Dantos voltou pela estrada, para retornar à última cidade que estiveram, a pequena Ibli. Cavalgou o resto do dia e, ao crepúsculo, chegou à cidade. Estava com fome e, logo após comprar uma roda nova, foi até uma taverna. Passou através da grande porta, que era sempre mantida aberta, e penetrou no sobrado de madeira. Ali havia um salão com várias mesas que, a essa hora, estava abarrotado de pessoas de todas as espécies. Atravessou o salão e parou diante do balcão, colocando ambas as mãos sobre ele, já que não havia mais lugar para sentar em mesa alguma. Assim, ordenou uma caneca de cerveja para o atendente, enquanto pensava no que iria comer. Precisava pensar bem, pois a comida do lugar era horrível. Mas, mal a cerveja chegou, ele sentiu uma mão pousando-lhe sobre o ombro. Virou-se e se viu diante de um velho conhecido.

-Oh, olá, Dantos – disse ele. – Olha como os velhos amigos sempre se encontram afinal!

Era Elbissah, um selon, ou “catador de pessoas”. Um velho concorrente, na época que os Estuven estavam à mando das salamandras. Vestia-se de preto, como ele e Godos sempre o fizeram, uma marca dos selons. Mas era bem mais velho. Em compensação era bem mais forte.

-Ouvi dizer que mudaste de patrão, Dantos! – disse ele, rindo.

Dois outros homens vestidos de preto também se acercaram, rindo da fala do líder deles.

Dantos nada respondeu de imediato. Discretamente, se apercebeu do que tinha à sua volta. Estava cercado pelos três selons, com as costas contra o balcão. Eles estavam armados até os dentes. Mesmo olhando diretamente para Elbissah, as bordas do seu campo de visão revelaram mais dois deles um pouco mais distantes, misturados com a multidão, e mais um sexto homem que discretamente rumava até um dos cantos do salão, até próximo a uma janela e, pela forma que ele se postou de costas para esta, de forma a ter iluminação em posição privilegiada, Dantos deduziu ser um arqueiro.

-Para que rainha de fogo trabalhas agora, Elbissah? – disse o Estuven. – Para Drogmatishbah ou ocupaste o meu lugar a mando de Ishdrahmak?

-Muito engraçado, Estuven! – respondeu o selon, irônico e ainda rindo. – Na verdade, eu fui promovido: não caço mais gente. – Depois, ficou sério e, sacando a espada, completou: - Agora, caço ex-selons!

Há três anos atrás, Dantos teria simplesmente sacado a sua arma e partido para cima do oponente. Contudo, desde que passara a servir Lumerae, tivera lições com Sirius, nos poucos momentos em que este podia. O mago o ensinara a observar. Porém, não simplesmente olhar para as coisas, mas perscrutá-las com a consciência ampliada.

“Normalmente as pessoas olham para o seu entorno”, dizia o mago, “mas nada vêem, pois estão imersas em pensamentos vagos e não direcionados. Mas há muito a se ver à nossa volta. Cada detalhe pode nos revelar uma miríade de informações, e descortinar o espesso véu que nos cobre o ser”. E, num dia em especial, Sirius o surpreendeu, dizendo:

-Golpea-me!

Em princípio, Dantos não entendeu:

-Como disse, mestre?

-Golpea-me. Saca a tua espada e me ataca.

Dantos viu nos seus olhos que ele falava sério. Mas ainda estava temeroso:

-Mas... mestre, somente tens o cajado para te defenderes. Minha espada vai cortá-lo!

-Cortar o cajado? – indagou o mago, sentado sobre um banco, nas proximidades das bordas do Monte, tendo a paisagem quase invisível das vilas quatro mil metros abaixo. Sirius rodou o cajado nas mãos, observando-o, e completou: - Não creio... Ele é leve, mas não é feito de madeira. Outrora foi uma serpente que provavelmente foi embalsamada com um feitiço especial. Duvido que tua arma consiga ao menos riscá-lo, pois é tão duro quanto o diamante. Vamos, ataca-me!

Com hesitação, Dantos retirou a espada da bainha e, parecendo sem vontade, atacou o mago. É claro, ele rapidamente elevou o seu cajado e interpôs o golpe.

-É o máximo que podes fazer? – indagou Sirius, levantando-se, tentando provocar o Estuven.

Dantos, então, decidiu levar a coisa a sério. Levantou a sua arma sobre a cabeça, segurando-a com ambas as mãos e partiu – um tanto mais pra valer – contra o “opponente”. Duvidava que o cajado pudesse resistir aquele golpe. Fez como manda o figurino, descendo pesadamente a lâmina contra o objeto de defesa do mago e, quando aquela encontrou o obstáculo, moveu a lâmina para trás no intuito de cortar o cajado, mas nem mesmo som conseguiu produzir.

-Por que duvidaste de mim? – indagou Sirius, agora contraatacando, acertando o estupefato espadachim no queixo. Dantos não caiu, mas absorveu o golpe dando dois passos para trás. Contudo, aquilo doeu.

Sirius, por sua vez, deu dois passos para a esquerda. Dantos se virou para golpeá-lo novamente, mas, assim que o fez, ao firmar os pés no chão, este cedeu e ele se sentiu sem ter onde pisar. Sua perna se precipitou pela borda do Monte. Iria cair no despenhadeiro, mas Sirius o segurou pela jaqueta.

Dantos sentiu a força daquele homem que ainda esbanjava vigor. Este o ergueu, aproximando-o do seu rosto e, então, disse:

-A maneira com que pisas é padronizada demais, bem como os teus golpes. Não imaginaste que eu não daria dois passos à esquerda sem um propósito? Devo, então, deixá-lo cair?

Nessa hora crítica, Dantos não sabia o que dizer. Se o mago o soltasse, provavelmente cairia no abismo.

-Mas não vou soltar-te – continuou o mago, - pois gosto de ti... Castor!

Dantos, naquele instante, não entendeu porque Sirius o chamara daquela forma, mas, ao longo dos anos subseqüentes, o ensinaria vários segredos. Segredos que o permitiram observar, ali na taverna, que o selon que estava do lado esquerdo de Elbissah se apoiava demais sobre a perna direita e que o outro era canhoto, pois sua bainha estava no lado contrário. Ambos e o líder, agora, estavam com as suas espadas em mãos e, no breve instante em que o Estuven tivera para estudá-los, antes de ser atacado, projetou sua mente sobre o campo de probabilidades futuro. Assim, anteviu o movimento das lâminas no primeiro ataque dos três. O que anteviu, com relação ao primeiro movimento dos oponentes era quase certo, talvez com mais de 90% de probabilidade: Elbissah estava confiante, duvidando que sua “presa” conseguisse se safar. Ele desceria sua lâmina com violência, mas Dantos se abaixaria e, com a mão esquerda o puxaria pela camisa contra o balcão. Sua espada cravar-se-ia na madeira. Dantos o seguraria firme, comprimindo o seu corpo contra o balcão. O selon à esquerda hesitaria em atacá-lo, pois temeria ferir o líder e, então, por um instante, vacilaria. O que estava à direita o golpearia, certamente, mas sua espada encontraria a lâmina de Dantos, pronta para receber o golpe. Desta forma, a sobrevivência ao primeiro ataque era certa. Mas teria que projetar os seus movimentos muito além disso. Após absorver o ataque, teria que fazer o seu movimento. Estaria, então, com a sua lâmina unida à do selon canhoto à sua direita. Teria que encontrar seu caminho por ali. A solução seria chutar o seu joelho com a sola de sua bota. Sua perna se quebraria e ele cairia para trás. Teria, então, que rolar sobre ele, sentindo uma flecha passar por cima de si. Mas teria que se desvencilhar logo dele, rolar pelo chão, e disparar sua adaga contra o pescoço do arqueiro. A essa altura, esse estaria morto, o oponente da direita rolando de dor no chão e Elbissah e seu outro companheiro partindo em seu encalço. Contudo, a confusão estaria estabelecida no recinto, com diversas pessoas correndo de um lado para o outro. Imprevisível demais para antever o movimento de todos. Teria que considerar um campo homogêneo denso com um baixo coeficiente de difusão. Mas isso valeria para todos e, certamente, conseguiria chegar à porta antes dos dois. Contudo, havia outros selons no recinto e, conseqüentemente, seria morto antes de fugir. Precisava de um elemento adicional, mas o tinha: Igni, a sua égua. Teria, então, que assobiar, e teria que ser no momento certo.

E foi assim que, ao Elbissah gritar “Morre, traidor” e iniciar o ataque, a realidade emergiu, seguindo a rota de maior probabilidade, acrescentando-se o assobio que foi dado quando Dantos interpunha o golpe do selon da direita e, no instante seguinte, naquele campo de pessoas correndo em meio a gritos, arrastar de móveis e quebra de objetos, um dos oponentes rolava no chão, devido a dores na perna e o corpo do arqueiro caía sem vida, com uma faca encravada no pescoço, Igni entrou no recinto logo após um segundo assobio que a orientou de tal forma a atropelar três outros oponentes e, de um pulo, Dantos se pôs sobre a égua e disparou. Contudo, um dos selons conseguiu golpeá-lo no flanco direito.

Ele sentiu o ardor do golpe, mas, no calor da peleja, ainda não sentira dor. Igni disparou, mas, como acabara de entrar no recinto, sem nem mesmo parar, estava direcionada para o seu interior. Dantos ainda conseguiu que ela se dirigisse de tal forma a atropelar Elbissah que, um tanto desorientado com o movimento do Estuven, ainda se encontrava próximo ao balcão. A égua passou velozmente por ele e Dantos ainda pôde degolar o oponente que originalmente estivera à sua esquerda e depois, finalmente, a égua atravessou uma ampla janela que havia naquela extremidade do recinto, mas não antes do seu condutor tomar providências para se proteger dos cacos de vidro.

Sirius uma vez lhe dissera que, se tivesse que atravessar uma placa de vidro, teria que proteger as partes do corpo mais vulneráveis aos cacos. Assim, Dantos fechou os olhos e abaixou a cabeça, logo após colocar a mão esquerda sobre o ombro direito, para melhor defender o pescoço. Assim, Igni emergiu do lado de fora com poucos cortes no corpo.

O cavaleiro tratou de rumar pela estrada em direção onde deixara o irmão, sabendo que jamais os selons alcançariam uma pura raça branca lumeraeana. Mas, como estivesse perdendo muito sangue, após alguns minutos, perdeu também a consciência.

#####

O carcereiro virou a chave, produzindo barulho característico. A masmorra era úmida e fria e Bethelguelse sentiu um frio da espinha. Era estranho. Normalmente era destemida e mal conhecia a palavra temor, mesmo nos momentos mais críticos.

-Tens certeza que não queres que eu entre contigo? – indagou o velho Bezoel.

-Não, Rigel – respondeu a pequena maga, um tanto distante, sem desgrudar os olhos da pesada porta de madeira e ferro que agora estava sendo aberta. – Já antevi a minha morte e sei que não se dará aqui!

O ancião surpreendeu-se com a resposta. Como já antevira a sua morte? Bezoel pensou no quão terrível aquilo era.

-Eu... – murmurou ele, agora com um arrepio também lhe percorrendo a espinha. – Sinto muito, senhorita... De fato, não gostaria de ter essa visão e...

-Relaxa, Rigel – disse a maga menina, resoluta. – Não foi tão ruim assim!

Então ela deu um passo à frente e entrou na sala do prisioneiro. O filho da rainha estava ajoelhado bem no centro de sua cela, no vazio, sobre o piso de madeira. Juntara as

mãos e parecia rezar. Mas o seu rosto não expressava piedade ou fé, muito pelo contrário: era a expressão do deboche e do mal que havia ali.

Ao vê-lo, Bethelguelse se deteve. Era apenas um demente, um espírito perturbado, mas, mesmo assim... o tremor na espinha persistia. Os músculos das suas costas contraíam, como se fosse ter um espasmo. Por algum momento, a maga quase se esqueceu de si mesmo, pois era Blindi, a rata, quem entrara naquela cela, e não a maga profetisa de Lumerae.

Mas ela fechou os olhos e respirou fundo, enquanto que o demente olhava para ela murmurando algo incompreensível. Teria que tocá-lo para que o seu mal lhe fosse revelado. Do contrário, não haveria possibilidade de cura, isto é, supondo que a cura fosse possível.

Ela, então, procurou agir racionalmente. Colocou de lado suas impressões e se aproximou ainda mais, estendendo a sua mão para tocar a sua testa. "Cuidado para ele não te morder!", pensou Blindi, a rata. "Algo extraordinário vai acontecer", advertiu Bethelguelse, a maga. Já sem ao menos saber mais quem era, procurou ignorar os dizeres de ambos os seus eus interiores e tocou o príncipe. O que sentiu foi terrível. Tanto que retirou a mão imediatamente, com o peito arfante. Em seguida, cambaleou para trás, quase caindo.

Colocou as mãos na frente e tentou raciocinar sobre o que havia visto. Bethelguelse tinha razão. Uma coisa extraordinária e forte, uma experiência plena e, ao mesmo tempo, terrível, num simples piscar de olhos.

Vira-o.

Estava escuro. O cheiro de enxofre quase insuportável. Os olhos cinzentos eram sôfregos, mas sua aparência, demoníaca. Ele também ficou surpreso ao vê-la e cerrou os dentes pontiagudos. Chifres na cabeça e asas de morcego. Fora no mundo dos mortos que estivera, não foi? Nunca o vira e nem ouvira falar dele. Mas agora sabia, sabia de tudo. Conhecia-o e – como não poderia ser – temia-o e, ao mesmo tempo, o amava.

Tinha que pensar. Raciocinar como Sirius lhe ensinara. Ela sabia que havia um ser superior dentro de si, que muito conhecia ou que tudo conhecia. Mas ela não era propriamente esse ser, mas podia acessá-lo, pelo menos parcialmente e frequentemente. Era complicado. Ela era apenas uma menina de dez anos. Não compreendia aquilo direito. Mas tinha que raciocinar agora. Era um tanto difícil. Seu peito ainda arfava, pois a visão fora terrível. Vira um ser forte, monstruoso, demoníaco. E ela sentiu que ele queria apenas uma coisa: emergir no mundo dos vivos, e estava forçando os portais.

Os portais que levavam os mortos ao mundo dos vivos. Não sabia que tal coisa existia. Mas agora sabia. Sabia que ele viria. Era uma questão de tempo. Um ser terrível e poderoso. Mas quem ele seria?

Só sabia uma coisa: tinha medo dele.

Assim, ainda tremendo, ainda com o arripio lhe percorrendo a espinha, olhou para o príncipe. Será que ele também vira? Provavelmente, mas ele não suportara. Mas sabia que podia curá-lo. Simplesmente sabia.

#####

Dez dias depois, na cidadela de Lumerae, estavam todos os magos reunidos. A maioria deles se sentava em poltronas ou cadeiras de madeira, numa ampla sala do hotel. Mas Godos, impaciente, andava de um lado para o outro, entoando um relatório em tom pessimista:

-Asturfo aperta o cerco. Mandou mais gente para as salamandras nos últimos doze meses do que em toda a história da Mesovíngia. Executa sumariamente qualquer um que se declare seguidor de Alionor. Comete genocídios para doar, ou vender, sei lá, crianças órfãs às salamandras. E meu irmão está numa cama, agora, mais pra lá do que pra cá, depois de quase ter sido morto!

-Dantos ficará bem – disse a pequena Bethelguelse, resoluta.

-Ora, vamos! – retrucou o Estuven. – Essa causa está perdida!

-Deixai-me ir atrás de Asturfo – declarou Meissa, segurando forte o cajado e olhando para o nada. – Eu cuido dele!

-Má idéia, Meissa – exclamou Sirius. – Eu estive no Palácio de Pedra. Acredita-me, podes te sair bem com um pelotão de cavaleiros, mas não terias chances contra um exército inteiro.

-Morrerias antes de chegar aos portões! – confirmou Bethelguelse.

Meissa olhou fixamente para a pequena profetisa. Um olhar ao mesmo tempo frio e cheio de ódio. Bethelguelse retribuiu o olhar, passional ao invés de frio. Bravio no lugar de odioso.

-Nossa causa não está perdida, Godos – disse Sirius. – Na verdade, avançamos. Rigel e Bethelguelse conseguiram isso.

E mostrou um pergaminho.

-O que é isso? – indagou Godos.

-Uma declaração da rainha de Barratas, reconhecendo Alionor como o Grande Rei.

-Barratas é um reino pequeno, Sirius – replicou o Estuven. – Nada comparado com a força de Belíária e o poder de Píamar!

-Sim – concordou Sirius serenamente. – Mas, as vezes, basta mover uma pequena pedra para causar uma grande avalanche!

-Vejo que Alionor será o Grande Rei – disse Bethelguelse, segurando ambos os braços da poltrona, como se corresse o risco de cair. – O Grande Rei de Espadas!

Alionor, cheio de dúvidas, abaixou a cabeça, como se quisesse se esconder. Rigel, em pé ao seu lado, pousou uma das mãos no seu ombro. Meissa olhou para o outro lado, com uma fisionomia de desdém.

-O momento é crítico – disse Sirius. – Vamos ter que correr. A fama de Alionor já se espalhou por toda Beliária. A maioria da população que ajudamos nesses três anos já acredita que o Grande Rei poderá tornar as suas vidas melhores. Então, a semente está bem plantada. Agora precisamos rapidamente do apoio de outros reinos. De posse desta declaração, podemos convencer Guldariar a reconhecer Alionor e se ele concordar em nos fornecer minério suficiente, poderemos trazer os gigantes para a nossa causa, já que eles não morrem de amores pelas salamandras. Ainda, creio que está na hora de visitarmos os arquiinimigos das elementais do fogo, promovendo uma viagem até Lothar Eralda.

-São muitos “ses”, Sirius – protestou Godos novamente. – E além do mais, os reis quererão saber onde está o nosso exército. E Alionor não tem exército algum!

-Alionor não tem um exército – recitou Bethelguelse, - mas nós temos Meissa!

Fez-se silêncio na sala. Meissa estreitou os olhos em direção à menina. Pela primeira vez, não sabia exatamente o que ela queria dizer. Godos também não entendeu direito. Nunca a vira em ação, mas ouvira histórias. Histórias dizendo que Meissa lutara contra exércitos inteiros. É claro, aquilo devia ser um exagero. Mas Sirius quebrou o silêncio desconcertante:

-Teremos o nosso exército, Sr. Estuven. É por isso que tu, Rigel e Bethelguelse visitarão os reinos de Olmea e Altossanco. E também irão até Ismar e Roc-Hai. Conseguireis armas e homens.

-Posso ir até Olmea, Altossanco e a Cidade das Fontes. Mas naquela floresta amaldiçoada eu não entro! – declarou Godos. – Além do mais, não posso dizer que sou exatamente querido por aqueles cavaleiros-arqueiros!

-Não precisarás entrar em Roc-Hai se não quiseres. Basta acompanhar Bethelguelse e Rigel até as suas bordas – respondeu o mago.

-E quanto a Armon? – indagou novamente o Estuven. – E se Mitrax apoiar as Salamandras?

-Bem... – respondeu Sirius. – Se isso acontecer, realmente a nossa causa estará perdida. Mas porque ele as apoiaria?

Godos não sabia responder aquela pergunta. Realmente não havia motivos para que Mitrax defendesse os interesses das elementais do fogo.

-Enquanto vós rumais para o sudoeste, eu, Meissa e Alionor vamos ter com os gnomos – continuou o mago, olhando determinadamente para o chão. – Depois, seguiremos para Karnevion e depois para Tuê. Em um ano quero ter todas as alianças formadas e, em três, um exército treinado forte o suficiente para por abaixo as muralhas de Piramar.

Houve um novo momento de silêncio, no qual todos estavam imersos em pensamentos. Depois de alguns instantes, finalmente Sirius concluiu a reunião:

-Estais todos dispensados. Sabeis o que fazer!

Todos começaram a sair, deixando o mago sozinho no recinto. Contudo, este ainda disse:

-Meissa, tu ficas!

A maga, que também ia se retirando, suspirou e se deteve, de pé. Então, ela e Sirius ficaram sozinhos.

-Utilizaste encantamentos negros, não foi?

Meissa não respondeu imediatamente. Levou alguns segundos para se entregar, a contragosto:

-Foi aquele linguarudo do Horácio quem te disse, não foi?

-Não interessa quem me falou – respondeu o mago, duro, mas sereno. – Quantas vezes terei que dizer para não usares os encantamentos negros? Não sabemos o efeito que têm sobre nós mesmos!

-Quer que eu enfrente exércitos jogando flores sobre os soldados?

-Não respondas para mim! – vociferou firmemente o mago. – Sabes do que estou falando!

-Não és o meu senhor – retrucou ela, fria como um bloco de gelo. – Faço o que quiser!

Seguiu-se um instante de silêncio em que o olhar de ambos se cruzou. Então, tudo pareceu entrar em estado de suspensão e uma eternidade se seguiu. Uma eternidade de milhões de sentimentos misturados. Mas, finalmente, Meissa rompeu o silêncio, com um tom acusador:

-Gostas mesmo disso, não é?

-De que estás falando?

-Do poder, Sirius. Gostas de mandar. Tens que dar as ordens e manter a todos sob a tua rédea. Não podes resistir à idéia de governar sobre todos os humanos, não é? Vejo isso em teus olhos! Não me ensinaste que os magos devem manter uma postura humilde? Mas esse não é um dos preceitos que pretendes seguir, não é mesmo?

E saiu sem ao menos esperar que Sirius pudesse defender o seu ponto de vista. Este somente a viu se afastando e saindo do prédio, segurando o seu cajado. Ele, por sua vez, percebeu que apertava o seu com uma força extraordinária e, ao mesmo tempo, tremia levemente, nervoso.

Quase sem forças, deixou-se cair sobre uma poltrona. Estava exausto. A campanha de Alionor era muito desgastante. Tantas coisas a providenciar, tantos riscos! E o maior deles, o seu maior desafio, era Meissa. Sirius se impressionara como ela aprendia rápido. Por três anos, lhe ensinara sobre os segredos dos Antigos. A teoria e a prática. Precisava ouvir apenas

uma vez para compreender coisas que ele mesmo tivera que refletir durante meses e a forma com que ela lidava com os encantamentos era simplesmente espantosa, quase assustadora. Seu cajado tinha poder e parte desse poder era oriundo dela mesma. Só não sabia se provinha da imensa raiva que carregava dentro de si ou se era dos medos e inseguranças que Sirius sentia na sua pessoa.

Mas ela, de fato, representava um risco a ele. Não porque temesse o seu poder mágico. Não porque receasse que ela o fulminasse com o seu cajado. Não. Era o seu amor que ele temia. Pois Sirius se percebia irremediavelmente atraído por ela. E não era uma atração de pai para filha, como a diferença de idade sugeriria, mas uma mera atração entre um homem e uma mulher, carnal, visceral. E, dentro disso tudo, o que mais o assustava era a possibilidade de ser correspondido. Não, deveria lutar contra isso.

“Casa-te de novo”, dissera-lhe Emeraldal. Ou fora um sonho? Como podia ter certeza de que realmente falara com sua ex-esposa, no mundo dos mortos? Como poderia ter certeza de que o que fazia era o certo? Nem mesmo quanto aos escritos podia ter certeza absoluta. Uma vez, no meio do estudo de uma das placas, Meissa lhe dissera aquilo. Ela sorriu ironicamente e disse: “Como podes ter certeza de que esse ensinamento é verdadeiro? Não sabemos quem escreveu tudo isso! Pode ser autêntico, mas... tudo isso pode ser apenas fruto de uma mente doentia!”.

Não. Há coisas que não podemos ter certeza absoluta. Quase nada. Não, nada. Não entendemos nem ao menos completamente os nossos sentimentos.

“Por que continuas, Sirius? Por que não voltas a uma vida pacata de padeiro?”. Perguntava-se isso frequentemente, quase todos os dias. E sempre se respondia a mesma coisa: “Não quero que outros passem pelo que passei. Não quero que as pessoas continuem a sofrer, tal como o fazem nesses dias injustos”. Repetia-se isso como uma ladainha, como a convencer a si mesmo. “Tenho o poder para modificar isso, para construir um reino de bem estar social”.

Mas Meissa tinha razão. Não podia negar que gostava do comando. Não podia afirmar que o poder não o agradava. Mas entendia que isso era recente na sua vida. Esse sentimento não era em absoluto compatível com a personalidade de Antonio, o padeiro. Mas agora não era mais Antonio, era Sirius de Lumerae. Conhecia a vontade de potência. Não poderia negá-la justamente para não torná-la mais forte. E ele sabia exatamente de onde ela provinha.

Segurou o cajado com mais força.

Aquele cajado era o cajado do poder, o cajado do mal, o corruptor. Quanto mais o usava, mais o objeto corrompia a sua alma. Uma vez confessara isso a Rigel. Contara-lhe como temia sucumbir, um dia, ao lado negro que existe dentro de nós. Mas o humilde servo de Lumerae, no alto de sua dignidade de alma, a mesma dignidade que o fizera recusar se colocar na condição sobre-humana de um mago, respondera-lhe, serenamente, algo que o tranqüilizara:

-Somente uma alma tão pura quanto a vossa poderia manipulá-lo!

Mas, com o tempo, a pureza da alma pode se desgastar e tornar-se impura. Nas últimas semanas, procurara desesperadamente nas milhares de placas de ouro contendo os ensinamentos antigos um antídoto contra a ação do cajado do mal. E, nos últimos dias, encontrara. O que lera fizera o seu sangue gelar. Havia, sim, um antídoto. Algo que realçaria a sua humildade, preservando-o da ambição pelo poder. Era um ritual. Um ritual quase macabro, mas que estava disposto a se submeter. E teria que fazer isso logo, antes que tudo estivesse perdido para sempre.

Nevava. Os flocos brancos contrastavam contra os seus longos cabelos negros. Ela deveria estar com frio, pois o seu vestido não era grosso, mas durante tantos anos se submetera às intempéries do tempo, que já não mais se importava. Era como se estivesse coberta pelo manto da insensibilidade.

Caminhou até uma das bordas do monte e ficou a observar a paisagem, quatro mil metros abaixo. Olhou para o sul, sua terra natal. Então, as mesmas imagens que por anos atormentavam vieram novamente, inevitavelmente. As imagens que marcaram a sua infância. Ali, em Lumerae, o Sol quase sempre brilhava. Ao menos se insinuando entre as nuvens mais altas. As vezes até chovia, mas abaixo do nível da cidadela. Mas em Corbe... Na sua terra natal o Sol nunca aparecia. Dir-se-ia que o astro-rei havia se esquecido e abandonado aquela região desgraçada. O céu sempre era coberto por espessas nuvens negras. Sirius uma vez lhe dissera que era uma condição climática provocada pela presença da Cordilheira do Gelo, mas Meissa preferia acreditar mais na tradição popular da sua terra: de que o Sol jamais apareceria naquele lugar devido aos pecados ali cometidos. Foi ali que Meissa vira, bem diante dos seus olhos, sua mãe ser morta, antes que completasse cinco anos de idade. Fora ali que aprendera a conviver com o frio, pois casacos eram um luxo que só os senhores daquelas terras amaldiçoadas poderiam ter.

Desde cedo, portanto, aprendera a se virar sozinha. Tinha que lutar para sobreviver. Roubar roupas e comida. Mas essa era a parte fácil. O difícil era se manter viva. Assim, desde a mais tenra idade, aprendera a manipular espadas e facas. Aos sete, matara o seu primeiro homem e, ainda aos seis, experimentara a carne humana. Esse item, aliás, era o mais abundante ali. Em Corbe, praticamente não havia plantações. As chuvas torrenciais, gélidas, varriam o chão, tirando-lhe a fertilidade. Ali somente crescia o mato selvagem. Criava-se animais, que eram disputadíssimos. Mas carne humana... era o que havia de mais barato. A população era abundante. Nas cidades, quase não havia como andar, tantas as pessoas nas ruas. Meissa não gostava das cidades, por isso fugira para o campo e fora o que preservara a sua vida. As cidades cheiravam mal, devido às fezes, urina e corpos humanos que se decompunham nas ruas. Mas logo se aprendia a suportar aquele cheiro, até não mais senti-lo. Até a insensibilidade total. Insensibilidade que fazia natural pessoas sendo mortas por outras na rua, sendo assadas e comidas em banquetes macabros.

Em Corbe, não existiam famílias. Meissa jamais conhecera quem fora o seu pai, mas não era um privilégio seu, pois nenhuma outra criança jamais tivera essa possibilidade. Todas as crianças eram frutos de estupros e as mulheres jamais menstruavam, pois sempre estavam grávidas. E excesso populacional era compensado pelo canibalismo e pelas guerras. As guerras

eram promovidas pelos três Senhores de Corbe, que competiam entre si não porque se odiassem, muito pelo contrário, porque faziam daquilo um jogo para o seu próprio divertimento. Meissa os odiava e, um dia - prometera para si mesma – se vingaria deles.

Mas, para abandonar a cidade, tivera que atravessar o horror dos campos de guerra. Não que o tivesse feito durante as batalhas. Antes tivesse essa sorte. Não, experimentara o terror do pós-batalha. Pois tivera que percorrer os “campos da morte”. Lugares em que, por todas as direções que se olhasse, em ambiente aberto onde se avista milhares de metros à frente, por quilômetros e quilômetros quadrados, haviam estacas plantadas, mas não para escorar videiras que poderiam proporcionar adocicados prazeres, ou simples pés de tomate, mas milhares e milhares de corpos humanos empalados.

Ela balançou a cabeça para tentar se livrar daquelas lembranças. Em seguida, desviou o olhar e pôs-se a observar o hotel. Sua vida era muito diferente agora. De fato, era mérito seu ter conseguido fugir de Corbe, mas... fora Sirius quem lhe estendera a mão. Fora ele a única pessoa que lhe demonstrara alguma... não sabia ao certo a palavra, piedade? Até hoje sonhava com aquela mão, aquele braço forte que um dia pegara em sua própria mão. Aliás, não conseguia mais parar de pensar nele, por mais que tentasse. Desde cedo, aprendera a não confiar em mais ninguém e jamais acreditar em quem quer que seja, principalmente os homens. Mas, como poderia impedir que seu coração ficasse daquele jeito quando estava diante dele? Como poderia evitar o que estava sentindo? Ficava nervosa quando estava diante dele. Procurava se segurar e não demonstrar, permanecer fria e insensível, mas não sabia quanto tempo iria resistir. Resistir em não sucumbir e se deixar desmoronar. Tinha que encarar os fatos. Negar não iria ajudar. A verdade é que o amava e estava perdidamente apaixonada.

-Idiota! Idiota! – dizia-se para si mesma.

Mas sabia de onde aquilo provinha. Era o cajado.

Então, Meissa elevou o instrumento diante da sua própria face e o encarou fixamente. Era o cajado. Os escritos antigos diziam que se tratava do cajado da piedade e do amor. Estava sendo contaminada por ele. Seu coração estava se tornando mole. Sua alma, sentimental. Para parar com aquilo, teria que se livrar dele, mas... sem ele, ela não era nada. Seria apenas Luiza, a pobre coitada de Corbe.

Assim, talvez, por uma única vez na vida, daqueles frios olhos, surgiu uma lágrima, uma única lágrima que lhe escorreu pela face. E as palavras, dentre o sutil e suave som do vento e cintilar dos flocos de neve que caíam, fluíram naturalmente, como um expurgo, um sôfrego aflorar de si mesma:

Outrora, as trevas eram onde vivia,

Cega e perdida,

Mas agora, esse brilho que me rodeia

Me ofusca

[Virou-se e pôs-se a caminhar próxima
às bordas do Monte]

Outrora, vivia no frio e no breu,
Caminhava sem destino,
Mas agora, os raios do Sol no céu
Me cegam e me torram.

[Pequenos flocos de neve se acumulavam
em seus escuros cabelos, contrastando]

Outrora, minha pele branca, alva
Se banhava no mar do desespero,
Mas agora, essa luz tão radiante e clara
Me consome.

[Senta-se numa pedra, de costas
para a paisagem distante]

Outrora, meu coração duro e insensível
Me protegia.
Mas agora, há algo em minha alma...

[O brilho de suas lágrimas

Cintila sob os raios de Sol que atravessam as gélidas nuvens]

Agora, há algo em minha alma...
Alguma coisa que me atrapalha e desorienta,
Alguma coisa que não entendo
E que não posso apanhar
Entre os dedos...

[Olha fixamente para a própria mão]

Há algo em minha alma,
Que me desgraça e desalenta,

Que me atrapalha e me comprime,
Que me domina e me oprime...
...até não saber mais quem sou!

[Agora olha para o nada.

Uma pausa. Silêncio]

Como será o amanhã?
Serei a poderosa maga,
Ou Luiza, a pobre-coitada?

[Levanta-se e passa caminhar novamente,

Mas caminhar mais rápido]

Como será o amanhã?
Serei temida ou amada?
Que caminho seguir?
O conforto das trevas,
Ou o ardor da luz?
Os ditames do ódio,
Ou o cárcere do amor?
O manto da escuridão,
Ou a exposição da claridade?
O conforto das trevas,
Ou o ardor da luz?
Que caminho seguir...

[Close em seus olhos fixos, indecifráveis.]

#####

Alguns dias depois.

-Tens certeza que é o portão certo? – indagou Alionor.

-Como poderia me enganar? – respondeu Sirius, resoluta e de bom humor. – Estamos diante dos portões de Fétrea, prestes a entrar no reino dos gnomos, meu rapaz!

Alionor olhou para cima, para mirar melhor a imensa placa folheada a ouro, que se estendia a muitos metros acima da sua cabeça, até desaparecer nas trevas da caverna, bem acima da sua cabeça. Uma barreira considerável, dada a aparente solidez daquela muralha de metal, que era cheia de figuras em alto relevo contando histórias do passado.

Sirius usou novamente o cajado para bater contra uma secção que parecia uma porta. Mas tudo estava em silêncio e Alionor duvidava que poderiam penetrar no mundo subterrâneo dos gnomos por ali. Então, o jovem tentou decifrar algumas daquelas histórias. Ouvira falar que os gnomos gostam de contar histórias, mas aquelas não pareciam coisas desses seres, pois as imagens retratavam mais criaturas parecidas com anjos do que qualquer outra coisa.

-Sei o que estás pensando – adivinhou Sirius, agora batendo mais veementemente na suposta porta. – Não foi feita por gnomos, mas por anjos.

Alionor ficou intrigado e já ia desferir uma nova pergunta, quando ouviram uma voz do outro lado:

-Já vai! Já vai! Que dia movimentado hoje!

A voz, em si, era engraçada e, é claro, somente poderia pertencer a um gnomo.

Então, um vão apareceu na muralha de metal, sendo acompanhado de dois olhos e um nariz redondo.

-Quem sois vós? – indagou, hesitando em abrir completamente a porta.

-Hã... permite-me apresentar: Sou Sirius de Lumerae, o mago, e este aqui é o jovem rei dos homens, Alionor – disse Sirius.

O gnomo olhou desconfiado para os dois. Depois completou:

-Há, conversa mole! Qual é a senha de hoje?

-Senha? – estranhou o mago.

-Sim, senha! Não posso deixar ninguém entrar sem a senha!

-Dissestes que não podes deixar entrar ninguém? – indagou Sirius, prestando bem atenção nas palavras.

-É claro! Essas é que são as ordens!

-Ah, gosto de respeitar as ordens. Ordens são feitas para serem seguidas. Ao pé da letra, se possível! – retrucou Sirius.

-Ei, aonde estás tentando chegar? – indagou o gnomo, com apenas um olho aberto.

-Bem, quem achas que somos?

O gnomo os analisou de cima em baixo. Depois concluiu:

-Dois birutas, é o que são!

-Bem, então nós somos alguém, não é verdade?

-Ei, estás tentando me embromar?

-Não, muito pelo contrário, meu bom amigo, estou apenas tentando refletir sobre o cumprimento de vossas ordens. Mas, presta atenção, se somos dois birutas, então somos alguém e, portanto, não somos ninguém. Assim sendo, podes nos deixar entrar. Aliás, deves nos deixar entrar, do contrário, não estarás cumprindo vossas ordens!

O gnomo soltou a porta, retirou o gorro e coçou a cabeça, pensando nas palavras do mago. E, como ele houvesse soltado a porta, Sirius a empurrou e foi entrando, sendo acompanhado por Alionor. Ao passar pela porta, o mago ainda saudou o gnomo, que ainda estava atrapalhado com as palavras alguém e ninguém:

-Obrigado, meu estimado amigo!

E foi assim que eles entraram no mundo dos gnomos. Alionor viu diante de si um grande vão ali, naquelas passagens subterrâneas e, mais adiante, iluminadas pela tênue luz bruxuleante de tochas, inúmeras passagens.

-Mestre – indagou o rapaz, - como saberemos que caminho tomar?

-Eu estudei os mapas disponíveis de Fétrea. Sei que caminho seguir! – afirmou o mago, caminhando resolutamente em direção a uma das passagens, após bater o seu cajado contra o chão, para que esse emitisse uma luz azulada em sua extremidade superior, na altura dos olhos da serpente empalhada, ao sussurrar *luminatio!*

E assim, os dois seguiram e caminharam por mais dois dias até chegar ao local onde o rei Guldariar vivia. Passaram por inúmeros gnomos, que iam e vinham em diversos afazeres. Carpinteiros, construtores, caçadores, vendedores e até artistas. Contudo, a maioria os ignorou, dado a compenetração que desempenhavam suas tarefas. Passaram por várias aldeias, contornando-as em vez de entrarem, para que passassem o mais discretamente possível. Alguns lhe fizeram perguntas, outros não. Mas Sirius sempre tinha uma resposta a altura.

-Não pensa que os gnomos são tolos – disse a Alionor. – Muito pelo contrário, são muito inteligentes! Mas não podem resistir a uma boa história ou uma intrigante charada!

-Mas como eles podem viver aqui? - indagou o rapaz. - Isto é, há lugares escuros, sem luz...

-Os gnomos enxergam no escuro. E muito bem por sinal! – respondeu o mago.

Ao final da jornada, passaram através de exuberantes ruínas, revelando uma grande cidade do passado. Alionor se impressionou com o tamanho das construções de pedra semi-destruídas.

-Éramus Nor – disse Sirius, ao avistá-las. – Outrora a magnífica cidade das profundezas, capital do império gnômico. Agora, quase nada mais resta, depois que as salamandras a destruíram!

-Mestre – indagou Alionor, - como as salamandras penetraram aqui. O portão de Fétrea parece intacto!

-Elas não passaram pelo portão... – responde Sirius, pensativo. - Há outras entradas. Passagens repletas de perigos, nas quais somente um gnomo se aventuraria, mas que não poderiam deter os exércitos salamândricos...

-E aquilo ali, o que é? Parece... colunas de pedra derretidas! Não sabia que pedras podiam ser derretidas!

-Normalmente não... A não ser por uma chama muito, muito intensa. Tão intensa quanto o Sol...

-Uma salamandra pode fazer isso?

-Uma salamandra não... – respondeu Sirius, parecendo distante. – Outro tipo de criatura. Um dragão, um grande dragão...

“Estavas a frente de um dragão. O maior e mais terrível dragão do universo! Um demônio dos diabos! Tu e ele lutaram!” – Sirius pensava nas palavras da pequena Bethelguelse, estreitando os olhos.

Alionor mirou bem as ruínas e estremeceu levemente:

-Mestre, estou temeroso com o encontro...

-Eu também – disse Sirius, novamente pensativo. – Mas não te preocupes. Guldariar também é muito jovem. Teve que assumir o trono com a morte prematura do pai. Ele vai gostar de ti!

#####

Rigel procurava Bethelguelse há quase meia hora. Fora encontrá-la na sala recém descoberta por Sirius no interior da pirâmide. Era uma sala secreta, protegida por uma porta oculta. Lá, o senhor de Lumerae encontrara apenas uma cadeira, uma espécie de trono de madeira e, do seu lado, um cajado com cerca de um metro de comprimento, fincado num orifício no chão. Mas era um cajado diferente. Era translúcido e Sirius desconfiava que era feito de diamante, embora não houvesse conseguido retirá-lo do orifício. Quando Rigel entrou, viu que a pequena maga observava o objeto atentamente. Estava absorta, com as mãos unidas às costas, e não percebeu a entrada do ancião.

-Está na hora de partirmos, pequena mestra – disse ele, suavemente.

-Já? – indagou ela fortuitamente, como se lamentasse a falta de tempo.

-Sim. O tempo urge. O transporte para Olmea está pronto!

Ela se virou e, exibindo uma carinha de criança, como se implorasse, emendou:

-Hã, Rigel... me espera lá fora? É só um instantezinho!

O ancião olhou desconfiado para ela. Mas, por fim, sorriu, deu de ombros e respondeu:

-Está bem. Mas não vai demorar!

E se foi. Esperou lá fora e, após dois minutos, ela saiu com um sorriso nos lábios e cara de quem fez alguma traquinagem. Rigel ficou com uma pulga atrás da orelha, mas a seguiu até a carruagem.

#####

Um pouco além dos escombros de Eramus Nor, depararam-se com as muralhas do palácio do rei. Diante do portão principal, havia grande contingente de gnomos armados até os dentes. Alguns com pequenas espadas, outros com machados e flechas. Sirius já se exasperava, querendo andar de um lado para o outro, pois se depararam com um chefe de guarda muito chato.

Sirius se apresentou e disse que necessitava uma audiência com o rei. Mas o guarda retrucou:

-Audiência? E eu com isso? Aqui não vai entrar não!

-Mas precisamos falar com o rei. É um assunto de seu interesse!

Mas o gnomo cruzava os braços e repetia, de olhos fechados:

-Não e não! Nana nina!

Sirius, com a paciência esgotada, já pensava em lançar um encantamento sobre aqueles guardas. Mas Alionor percebeu algo neles. Não poderiam temer apenas dois homens, já que eles não sabiam sobre o poder da magia de Sirius.

-Mestre, acho que eles estão querendo alguma coisa...

-Alguma coisa?

-Sim. Um mimo, eu acho.

-Um mimo? – repetiu Sirius, pensando.

Então o mago lembrou-se que tinha um saco de balas no bolso, o qual iria dar a Bethelguelse, mas se esquecera. Revirou os bolsos e apanhou o saco, mostrando-o aos gnomos.

-Bem... a minha intenção era presentear o rei com essas balas adocicadas, coloridas, saborosas, com gosto de frutas silvestres, daquelas que derretem na boca, mas... Poderia até reparti-las convosco, mas já que não podemos entrar...

Os gnomos arregalaram os olhos, cheirando, mesmo a distância. Depois repetiram, em uníssono:

-Balas adocicadas, coloridas, saborosas, com gosto de frutas silvestres, daquelas que derretem na boca!

Bem, os gnomos não detinham o conhecimento da produção de balas naquela época e, é claro, não foi muito difícil suborná-los daquela maneira. Mas o fato é que, dali a meia hora, o mago e o jovem rei se apresentavam diante de Guldariar:

Ele era realmente jovem. Como Alionor, ainda não acabara de crescer. Mas sentava-se num trono de ouro bastante grande, ficando com as pernas a balançar. Olhou curioso para os estrangeiros. Ao seu lado, estava a gnoma Gumercinda, a sua mãe e – logo Sirius percebeu – que parecia ser quem realmente mandava ali.

-O quê? Quereis que eu reconheça essa criatura como o rei dos homens? – indagou Guldariar, com apenas um olho aberto.

-Tenho aqui uma declaração da rainha de Barratas – disse Sirius, retirando um pergaminho de dentro do hábito. – Ela reconheceu a autoridade de Alionor.

-E o que eu vou lucrar nisso? – indagou o rei dos gnomos.

-Ficar livre das salamandras, essa é a promessa do rei dos homens – disse o mago.

-Livre das salamandras? – indagou Guldariar. – O papai aqui quer é ficar o mais distante possível delas!

-Não terás de necessariamente lutar contra elas. Estamos preparando um exército para expulsá-las da Mesovíngia, mas precisamos de suprimentos. Metais.

Guldariar então olhou para um lado, depois para o outro e, inesperadamente, disse:

-Virai-vos para lá!

Mas Sirius não entendeu o que ele queria.

-Majestade?

-É! Virai-vos! Olhai para lá, ó! – e apontou a porta. – Olhai como a porta é bonita!

Os humanos se entreolharam e, sem entender muito, se viraram, dando as costas ao rei. Tão logo o fizeram, o rei rapidamente se pôs de pé sobre o trono, aproximando a face de sua mãe e cochichando-lhe:

-Que achas, mãe? Estou indo bem?

-Estás! – disse a mãe, puxando-lhe a orelha.

-Ai! – exclamou ele, o mais baixo que podia.

Sirius olhou para Alionor, segurando o riso.

-Da próxima vez – exclamou Gumerinda, - use uma voz mais autoritária!

-Tá bom, mãe! – respondeu o rei, massageando a orelha que agora doía.

Depois, voltou-se aos visitantes:

-Já podeis vos virar!

-E então, concordais em estabelecer uma aliança?

-Bem... – disse o rei, coçando a barba rala. – Eu não decidi ainda... Estou com fome! E enquanto como, passa os detalhes para a minha primeira ministra!

Sirius olhou para a gnoma e suspirou. O rei, por sua vez, foi saindo de fininho, em direção a uma mesa que havia nas proximidades, mas, no meio do caminho, se virou para Alionor e o chamou:

-Psit!

Alionor olhou para ele e ele lhe fez um aceno, indicando a mesa. Alionor olhou envolta de si, para se certificar que o rei não se dirigia a outra pessoa. Quando teve certeza que era consigo mesmo, caminhou em direção a ele. Mas, antes que se aproximasse, Guldariar entrou debaixo da mesa. Alionor ficou sem saber o que fazer, mas uma mão forte puxou o seu pé, fazendo-o cair. Quando se deu por si, também estava sob a mesa.

-Psiu! – disse Guldariar, com um dedo sobre os lábios. – Preciso ficar longe da minha mãe, ela me deixa doido!

Alionor não sabia o que dizer.

-Diz-me uma coisa – continuou o gnomo, - aquele cara é maluco ou não?

Alionor percebeu que ele se referia a Sirius, então respondeu, sorrindo:

-Não, ele não é maluco. Ele só quer ajudar as pessoas... e os gnomos!

Guldariar olhou bem para o rapaz, como se decifrasse se ele falava a verdade ou não. Depois completou:

-E tu? O que mais queres na vida?

Alionor se surpreendeu com a pergunta. Nunca pensara naquilo, pelo menos não daquela forma. Raciocinou durante alguns segundos e depois respondeu:

-Quero dar uma vida mais digna para as pessoas... Gosto de ajudá-las!

-Ah, é? – disse o gnomo. – Então tá bom! Toca aqui! Agora somos companheiros!

E estendeu a mão para que o jovem rei dos homens a apertasse. E assim surgiu uma longa amizade.

#####

Uma semana mais tarde, Alionor, Sirius e Meissa se encontravam no porto de Vila Lábria, aos pés do Monte Lumerae e às margens do Rio Mégion, pouco distante das cataratas do Encontro Sagrado. Subiram as rampas de um barco magnífico, um grande veleiro feito de madeira branca. Alionor se impressionou. Sirius, percebendo isso, explicou:

-Belo, não? Levou dois anos para ser construído pelos melhores carpinteiros das vilas.

Ele tinha um desenho leve e, dada a quantidade de mastros, prometia ser muito veloz. Alionor observou o nome na proa: "Emeralda", e ficou pensativo. Aquele barco, de fato, serviria a Lumerae por mais de mil anos, desde o reinado de Alionor, até os tempos de Adamastor, o rei de paus.

Tão logo pisaram no convés, o capitão da embarcação deu a ordem para a partida. As velas foram estendidas e o veleiro passou a se mover. Meissa aproximou-se da amurada e ficou a observar o rio, que desaparecia no horizonte. Alionor a mirou, intrigado, e Sirius percebeu isso. Há semanas que o mago percebia uma especial atenção que o menino dedicava a ela, sempre a observando de longe. "Meissa é jovem e bela e ele, pela idade, deve estar cheio de impulsos", pensou Sirius. Mas ela é que o preocupava. Agora, deixando o cajado encostado na amurada, ela ali se apoiava com ambas as mãos e, fixamente, olhava para a água. Pensava em algo, é óbvio, mas o que? Então, Sirius lembrou-se de uma das famosas frases da pequena Bethelguelse: "Mente desocupada, oficina do diabo!".

Aproximou-se sutilmente dela. Parou a um metro de distância e, para chamar-lhe a atenção, bateu duas vezes com o cajado contra o convés. Ela se virou e ele declarou:

-Depois desta viagem, vamos precisar de alguns anos até formar e treinar um exército. Nesse período, tenho uma tarefa para ti.

-Tarefa? – estranhou ela. – O que queres dizer?

-Durante os anos que passamos em Beliária, ajudando a população, curando enfermos, fundando escolas e oficinas, percebi que, dentre todos os problemas sociais enfrentados pela população, um é o mais grave de todos.

-Qual? – indagou ela, desconfiada de qual seria a sua tarefa.

Sirius olhou para o céu azul, destituído de nuvens, como a pensar, e continuou:

-Uma grande quantidade de pais de família não têm estrutura interna suficiente para tal papel. Muitos homens, por imaturidade, ou por não terem um trabalho digno, ou por sucumbirem à pobreza, ou ainda mesmo por simplesmente temer a vida, ou as guerras, ou por diversos outros fatores, acabam se entregando à bebida, quando não à marginalidade, abandonando suas esposas invariavelmente com crianças ou, ainda pior, espancando-as e humilhando-as.

Enquanto falava, Sirius perscrutou profundamente os olhos da moça. Ali viu desdém misturado com raiva. Raiva dos homens os quais ele descrevia.

-E?... – indagou ela, tentando demonstrar indiferença.

-Tua tarefa, Meissa, nos próximos anos, será amparar tais mulheres. Percorrerás as cidades e vilarejos de Belíaria e viverás três meses em cada cidade. Ajudarás as mães de família, mas não poderás tocar de forma alguma nos homens. Estarás proibida de agir de qualquer forma sobre eles. Tua mera presença os intimidará.

Ela pensou por alguns instantes, depois indagou:

-E se eu me recusar a executar essa tarefa?

Mas Sirius estava preparado para aquela questão:

-Podes pedir demissão do teu emprego, mas o cajado que portas pertence a Lumerael!

A maga olhou para o lado, suspirando com cara de pouco agrado. Sirius se apoiou no cajado e perguntou:

-Quais são os preceitos dos magos, Meissa?

Ela se virou para ele e com um tom grave na voz, retrucou:

-Para que isso agora?

-Quais são os preceitos dos magos! – exclamou ele, agora numa entonação mais forte.

A contragosto, Meissa recitou:

-Ajudar os homens.

-Errado! – gritou Sirius, severamente. – Está incompleto!

-Ajudar os homens no seu desenvolvimento espiritual!

-Muito bem. Que mais?

-Proteger a humanidade.

-O terceiro?

-Impedir os homens de deter o conhecimento sobre a pólvora.

-O quarto?

-Onde queres chegar? – protestou ela. – Para que tudo isso?

Então, o mago se virou e se afastou, retornando para perto de Alionor, sem responder e sem esperar qualquer resposta a respeito da tarefa que designara à maga. Encontrou o jovem rei sentado sobre um pequeno banco de madeira, novamente a pensar.

-Estás a refletir sobre como será o encontro com os elfos? – tentou Sirius.

-Não... – disse ele, distraidamente. – Hã, mestre, estava pensando...

O mago já conhecia bastante o rapaz e sabia que ele frequentemente refletia sobre fatos e fenômenos relacionados com a natureza, a vida e o universo.

-Está bem, podes perguntar!

-Bethelquelse tem o dom da profecia, não é?

-Sim, isso é um fato! – declarou o mago, já se preparando para a pergunta.

-Isso quer dizer que tudo o que ela disser vai necessariamente acontecer? Isto é. Se ela pode ver o futuro... então o futuro já está pré-determinado? Se ela disse que serei o rei, posso ficar aqui sentado, nesse banco, pelo resto da vida, sem fazer nada, que vai acontecer da mesma forma?

Sirius riu-se da pergunta do rapaz. É claro, era uma pergunta difícil, que um ser humano teria dificuldade em responder. Mas os escritos antigos eram bem claros sobre tal questão:

-Não necessariamente. Bethelquelse não vê o futuro, mas a configuração que é mais provável. O futuro não está pré-determinado, mas é construído pelas nossas ações. Pelo menos, parcialmente. Não, não poderias ficar parado aí sobre esse banco, embora, mesmo que fizesses isso, algo poderia acontecer para tirá-lo da inércia. Contudo, devo te alertar que o futuro que desejamos não é tão fácil de ser construído. Bethelquelse vê tendências fortes, Alionor, muito fortes. Configurações futuras de alta probabilidade. Algumas boas, outras más. E essas últimas, para serem mudadas, exigem um esforço muito grande por parte de nós mesmos, muitas vezes um esforço quase sobre-humano.

Alionor ficou pensativo por alguns instantes. Depois voltou a indagar:

-Mestre... as vezes eu não sei se estamos fazendo o certo...

Agora foi a vez de Sirius ficar pensativo. E a expressão de sua face poderia nos fazer perguntar se aquela dúvida também não lhe era íntima.

-Nunca se sabe, mas temos que acreditar em alguma coisa. Nunca se tem certeza se o que fazemos é certo ou o errado. Acredito que temos que agir de acordo com a nossa consciência. Pelo menos assim ficaremos em paz com ela. Além disso, esta pergunta tem a ver com a anterior: não conhecemos o futuro, e seria terrível se o conhecêssemos. Posso acrescentar também que, muitas vezes, o que tentamos não dá certo. Talvez na maioria dos casos. Mas quero que me prometas uma coisa, Alionor: nunca desistir. Tentar de novo e de novo.

-Quer dizer... sempre que der errado, devo tentar de novo?

-Isso mesmo.

-Quantas vezes, mestre?

-Quantas vezes? – indagou Sirius, um pouco surpreso com a pergunta. – Bem... setenta vezes sete. Acho que isso é o bastante...

Enquanto o mago disse essas últimas palavras, o jovem rei olhou para além da proa. Em breve estaria em Karnevion e ele pressentia que, lá, encontraria o seu destino.

#####

No segundo dia a partir da entrada em Karnevion, ao seguir pelo Roruin, um afluente do Megion, avistaram as primeiras torres. Eram feitas de madeira, com sessenta metros de altura, bem acima da copa das árvores, que não ultrapassavam, ali, os vinte e cinco metros. Imediatamente, como estavam agora no convés, Sirius declarou:

-Já sabem que estamos aqui.

-Vão nos deixar seguir? – indagou Alionor.

-Provavelmente seremos varados por flechas! – exclamou Meissa.

-Mas espero que nosso estratagema dê resultado! – disse o mago.

Em seguida, ele fez um sinal para o capitão da embarcação, e este ordenou que a bandeira fosse içada. Assim, alguns segundos depois, uma flâmula azulada, contendo, ao centro, a imagem de um objeto prateado arredondado, encimado por uma pequena cruz, de onde saíam, radialmente, raios de luz, fez-se aparecer.

-O que é aquilo no centro? – indagou Alionor. – Uma globus cruciger?

-Aquela, meu caro pequeno rei, é a Esfera de Grach, o símbolo do Senhor da Luz – respondeu Sirius, com um ar pensativo. – Só espero que desperte a curiosidade dos elfos!

De fato, a estratégia pareceu surtir efeito, pois passaram por várias torres que ladeavam o rio. Alionor pôde observar, pela primeira vez na vida, elfos notus de perto, ou pelo menos parte deles, pois, eventualmente, apenas as suas cabeças apresentavam-se visíveis no observatório das torres. O rapaz percebeu que, de fato, eles estavam curiosos, pois miravam atentamente o barco.

E, logo, passaram pelo porto de Silvânia. No cais, o futuro rei de espadas pôde contemplar mais plenamente elfos em diversas fases, desde os altos e esguios notus até os minúsculos eureus, que voavam em zigue-zague, aparentemente atrapalhando os zéphiros.

-Olha, Sirius – disse Alionor, empolgado, - os zéphiros se parecem mesmo com gnomos!

-Sim. Só que são menores e mais magros.

-Eles parecem tristes!

-Não. Eles são assim mesmo.

-São chorões! – exclamou Meissa, com a sua voz gélida. – Os senhores de Corbe gostavam de escravizá-los, mas não os achavam dignos de serem comidos.

Alionor olhou para a maga com um misto de nojo e admiração. E Sirius, observando isso pensou: “Acho que teremos problemas no futuro!”.

O barco também chamou a atenção dos elfos no cais. Quando perceberam a sua presença, praticamente cessaram os seus afazeres. Alguns elfos bóreas mais curiosos, tal qual crianças levadas, passaram a voar em torno do veleiro. Mas logo se cansaram e retornaram a terra firme.

E, assim, a embarcação prosseguiu. Nada mais relevante aconteceu naquele dia. Mas, no dia seguinte, seguindo rápido sob ventos favoráveis, avistaram as grandes torres de Eralda Alardê. Eram brancas, sólidas, e ultrapassavam os 150 metros. De longe, pareciam ser feitas de pedras pintadas, mas, na verdade, eram feitas de madeira branca como o marfim, a poltana, retirada de uma árvore de mesmo nome, rara por aqueles dias. A parte externa das torres foi esculpida com formas em alto relevo que sugeriam grossos cipós que subiam em espiral, abarrotados de folhas. O cume das torres se abria em cinco enormes folhas, sugerindo uma flor esbranquiçada, e cada uma das folhas, conforme Sirius lera em alguns tratados élficos que encontrara nas vilas de Lumerae, apontava para uma das capitais do antigo império élfico, que outrora sucumbira frente a ascensão das salamandras.

Alionor admirou-se com aquelas folhas e indagou:

-Mestre, por que quatro folhas apontam para leste, enquanto que apenas uma para oeste?

-Elas apontam para as antigas capitais do império élfico do passado- respondeu o mago. – De fato, apenas duas folhas apontam para leste, as duas que estão uma acima da outra. Estas apontam para Ithra Maras, a terra dos elfos ruivos, que ficava aos pés das Montanhas Chorasas, e para Kalina Lothar, a maior cidade élfica que já existiu. Nada mais resta dessas cidades. A folha que aponta para nordeste indica a direção de Ewê Dortas, a cidade dos elfos morenos, que também virou pó. A sudeste teríamos Sursardawê, lar dos elfos louros, de cabelos lisos e longos, da qual só restam ruínas.

-E a que aponta para oeste?

-Bem, essa não indica propriamente uma cidade, mas um lugar: o Vale de Aarar, o santuário sagrado dos elfos. Lá é onde se encontram as pedras fulfilliari, onde as almas dos elfos estão depositadas.

-Olhando no todo – comentou ainda o rapaz, - até parece uma flor deformada pelo vento!

-Sim, de fato – concordou o mago. – Interessante...

Mas então Sirius olhou a frente e avistou a ponte de pedra ligando as duas torres, sobre uma espessa muralha de pedra. O portal da muralha, um vão em forma de meio círculo, grande o suficiente para a passagem de um grande galeão, estava fechado por uma grade de ferro, enquanto que, sobre uma plataforma anterior à muralha, um grupo de arqueiros élficos parecia esperá-los.

O veleiro diminuiu o ritmo, recolhendo algumas velas, até atracar. Os marinheiros lançaram algumas cordas para a plataforma e vários elfos as seguraram, amarrando-as em fornidas bases. A rampa foi colocada e Sirius foi o primeiro a descer. Mal havia colocado os pés na plataforma, o capitão da guarnição, um elfo sursardawê, indagou com uma voz mais ou menos rude:

-Quem ousa invadir a capital élfica?

Sirius olhou para ele com suavidade e respondeu, apoiando-se no cajado:

-Sou Sirius, o Senhor de Lumerae. Venho do alto do Monte!

O capitão pensou por alguns segundos. Depois, olhando desconfiadamente para o visitante, acrescentou:

-Lumerae não tem um senhor! E ninguém pode subir aquele monte. Uma forte magia do Senhor da Luz mantém todas as criaturas afastadas de lá!

-Agora Lumerae tem um senhor. Venho em nome do Senhor da Luz, em paz, para apresentar ao rei os meus respeitos.

-Conversa fiada! – concluiu o capitão. – Aqui não poderás entrar. Volta por onde vieste e estarás a salvo!

Mas a fala rude do capitão foi interrompida por uma voz feminina e firme.

-Não devemos tratar nossos pacíficos visitantes dessa maneira, capitão!

Sirius virou-se para onde a voz proviera. Uma elfa ruiva se adiantou, esguia e bela, mas armada até os dentes. Vestia uma armadura de couro, que protegia o tronco, e uma minissaia e sandálias também de couro. Mas Sirius sabia que aquilo não era couro de verdade, mas um produto sintético obtido a partir da casca de algumas árvores.

-Senhora? – estranhou o capitão.

A elfa, que aparentava ter uma patente superior à do capitão, aproximou-se do mago. Olhou alternadamente para o cajado e para os olhos de Sirius e, depois, prosseguiu:

-Um senhor de Lumerae... um mago!

Sirius se surpreendeu com a perspicácia da elfa e, em seguida, disse:

-Permiti-me apresentar, senhora. Sou Sirius de Lumerae. Mas, creio que, em vossa língua, meu nome poderia ser pronunciado como Sarpeidon...

-Sarpeidon... – repetiu ela, sorrindo. – Nome interessante!

-Se vós permitirdes a nossa entrada, temos assuntos de vosso interesse que envolvem nossas inimigas em comum: as salamandras.

Nisso, Alionor e Meissa se aproximaram.

A elfa mirou novamente o cajado do mago, após analisar visualmente os seus dois companheiros. Em seguida, ela disse:

-Vós podeis entrar, mas vosso cajado tem poder. Ele não poderá ir até Eralda. Deve permanecer em vosso barco.

Sirius pensou um pouco, mas acabou concordando, acenando discretamente com a cabeça.

-E quanto ao meu cajado? – indagou Meissa.

O olhar da elfa se virou para Meissa e Sirius teve a impressão de vê-la sutilmente cheirando o ar.

-Podeis entrar, maga. Mas desde que não largues um instante sequer o vosso cajado – respondeu misteriosamente a elfa.

Em seguida, ela se virou, dando as costas para os visitantes, declarando:

-Segui-me!

Foram conduzidos através das ruas e passagens da cidade. Alionor se admirou com as construções. Prédios que não se sabia se eram feitos de madeira ou eram árvores vivas, ou mesmo uma mistura de ambas, que se elevavam a trinta metros de altura. Aqui e ali, havia casas e prédios em alvenaria, mas eram minoria. Muitas torres altas se erguiam entre as construções, ferindo o céu que, sob o dossel, era difícil de ser visto. No centro da cidade estava o Palácio de Eralda, imenso, e todo feito do mesmo material que as duas torres que protegiam a entrada da cidade. Era uma arquitetura única, milenar, suave, curvilínea, e, ao mesmo tempo, imponente.

O rei concordou em recebê-los em audiência. Assim, naquela noite, apresentaram-se diante de Bhorgus. O rei, sentado em seu trono de madeira ricamente trabalhada, era grande e forte e lembrava a linhagem maraana, embora os seus filhos tivessem mais característica sursardawê da mãe. Eles estavam em seu entorno, em pé. Ao seu lado direito estava Ítria, sua primogênita, uma poderosa feiticeira, que trajava um vestido longo esverdeado. Do seu lado esquerdo, seus dois filhos: Albion, alto e forte, o herdeiro, e Mordarion, magro e delicado, mas mais perspicaz e inteligente. Ambos com longa cabeleira, com fios alvos e finíssimos. Adicionalmente, o salão estava abarrotado de elfos em todas as fases, e os visitantes eram o centro dos olhares.

Foram introduzidos pela elfa que os admitiu na cidade. Respeitosamente, Sirius apresentou os seus argumentos. Novamente, declarou-se o senhor de Lumerae e apresentou Alionor como o rei dos homens. É claro que Bhorgus não acreditou muito nisso, apertando os olhos para verificar se falavam a verdade ou se eram, na verdade, loucos. Também mirou Alionor e duvidou que o rapaz representasse alguma coisa de valor.

-Por que os admitiste, Axtre? – indagou à elfa.

-O que ele diz é verdade. Não veio para nos fazer mal e nem age a mando das salamandras.

-Sei... – disse o rei, desconfiado.

-Senhor - continuou Sirius, - o que nos traz aqui, de fato, é o império das salamandras. É chegado o tempo do enfraquecimento do cristal vermelho, do término da era das elementais do fogo. Estamos reunindo forças para expulsar as salamandras da Mesovíngia!

Ao dizer isso, vozes ecoaram por todo o salão. Os elfos, espantados, cochichavam entre si, alguns achando absurdo o que o mago dissera, outros, excitados, rogando impérios contra as salamandras. Sirius observou bem a reação da realeza. Axtre fechou os olhos, Albion arregalou os seus repetindo “Expulsar as salamandras?”. Já Mordarion pareceu indignado, sendo um dos que associaram a fala ao absurdo. Mas o senhor de Lumerae ficou particularmente intrigado com a reação do rei e de sua filha mais velha, os quais não esboçaram emoção alguma.

Contudo, Bhorgus se levantou após alguns instantes e fez-se novamente silêncio no recinto.

-Percebes bem o significado do que estais dizendo? – indagou o rei, seriamente. – Tendes consciência do tamanho da força militar necessária para isso?

-Estamos no início de nossa campanha, mas já temos o apoio de Barratas e de Fétrea – explicou Sirius, sinceramente. – E, no momento, alguns companheiros estão em Olmea, em audiência com o rei Casimiro.

Sirius, nesse momento, notou algo particularmente interessante no comportamento do príncipe herdeiro. Albion parecia comichar para falar. E, aparentemente, o rei também percebeu isso, pois disse:

-Bem, antes de tomar uma decisão, preciso, como é de costume, do conselho dos meus filhos – e olhou para Albion.

E, enquanto os filhos do rei falavam, Sirius notou outra coisa interessante: por trás do trono do rei, uma jovem elfa na fase bóreas, escondida, olhava curiosa para os visitantes, expondo apenas uma parte do rosto, mais especificamente um dos seus olhos, que era cheio de vida. Notou também que a atenção dela foi particularmente atraída pelo jovem Alionor e que ficou muito tempo a fitá-lo. O mago se perguntou quem seria aquela menina. Mal sabia ele que aquela era Plix Miaris Nerah Irvine, a filha mais jovem de Bhorgus e futura rainha de Brenor.

Albion se adiantou, aproximando-se de Sirius e disse, em voz alta, para que todos ouvissem:

-Pai, devemos nos unir a todos que são inimigos das salamandras. Já está na hora de pegarmos novamente em armas e nos vingarmos pela destruição da Civilização Athlanda!

E disse isso de maneira enfática, parecendo que o sangue verde lhe fervesse nas veias. Muitos no recinto concordaram com o príncipe, dadas as reações e comentários diversos.

-Mordarion? – disse o rei, quando as vozes diminuíram.

-Devemos ser cautelosos – disse, olhando desconfiadamente para Sirius. – As salamandras ainda são muito poderosas e nós não temos forças suficientes para enfrentá-las. Não conhecemos essas pessoas que vêm aqui, diante de nós, com palavras perigosas. Como vamos saber se não agem a mando das salamandras? Como podemos saber se não é uma armadilha, um estratagema para retirarmos nossas forças de Karnevion, para nos exterminar de vez?

Novas vozes se elevaram. O discurso de Mordarion iniciou-se suave, mas, conforme as palavras foram sendo ditas, se tornou mais forte e contundente. E, no final, a fala do príncipe mais jovem, de fato, pareceu exercer maior efeito sobre a maioria dos elfos presentes. Mas Bhorgus era sábio e paciente. Ergueu a mão e o silêncio retornou ao ambiente. Depois, concluiu:

-Bem, parece que não há consenso entre os meus filhos. Então, que as feiticeiras decidam!

-Que o reclamante seja levado para o Globo dos Ventos! – disse Ítria, suavemente.

Sirius não sabia ao certo o que aquilo queria dizer. Em princípio, julgou que “o reclamante” seria ele mesmo, mas, quando dois guardas se colocaram ao lado de Alionor, compreendeu que o termo se referia à condição de Alionor como reclamante da posição de rei dos homens. O rapaz olhou para Sirius sem saber o que fazer, mas este lhe acenou com a cabeça e um sorriso nos lábios. Sorriso forçado, por sinal, pois, quando o rapaz foi levando, o mago voltou a ficar sério.

Então, viu que Meissa já levantava o seu cajado, parecendo estar com comichão na mão. Mas Sirius lhe fez um aceno para que se aquietasse. Alionor foi levado para fora do salão e Axtre e Ítria foram atrás dele.

O Globo dos Ventos era uma sala no formato de meia esfera, cujas paredes eram forradas de vitrais, por onde a luz penetrava em múltiplos raios coloridos. Não havia aberturas visíveis para o ambiente exterior. Mesmo assim, podia-se sentir uma brisa incessante e irregular. Alionor foi encaminhado até o centro da sala e lá abandonado pelos guardas, de pé. As elfas pararam a pouca distância dele. Olharam-se.

-Se quiseres começar... – disse Ítria.

-A honra pertence à Senhora do Notus – respondeu Axtre.

Alionor notou que havia algo entre elas, como uma disputa, ou um desacordo de há muito tempo. O fato foi que Ítria mergulhou as mãos numa bacia cheia de água, trazida por

duas elfas na fase zéphiros, que aparentemente eram servas. Ela retirou as mãos molhadas da bacia e as esfregou no rosto. Em seguida, aproximou-se de Alionor, elevou as duas mãos diante dele, de forma que sua cabeça estivesse entre elas, mas sem tocá-lo, e declarou:

-Eu, primogênita de Bhorgus, aquela que abdicou da coroa para abraçar o sacerdócio do Notus, Senhora de Eraldearal, toco a vossa alma!

Mas não tocou propriamente em Alionor. Antes, passou as mãos a certa distância dele e, depois, pôs-se a rodeá-lo.

-Hum... – murmurou ela, circundando-o. – Um jovem corajoso, cheio de boas intenções. Beirando a ingenuidade... Não é conhecedor do verdadeiro mal até agora...

Alionor de fato não estava com medo. Ficou simplesmente parado, enquanto a feiticeira o rodeava, quase em transe. Embora não o tivesse tocado, sentiu-se como que invadido e nu diante dela. Contudo, pôde sentir que ela cheirava o ar a sua volta. Ela, então, parou às suas costas e quase encostou o nariz na sua nuca.

-...mas irá conhecê-lo no futuro! – sussurrou.

Depois voltou a circundá-lo, analisando a sua alma:

-Um caçador de feras... troglodroms e feras ainda mais perigosas... um caçador de homens também...

Parou à sua frente e mirou os seus olhos. Completou, quase que sorrindo:

-Vejo-o montado num cavalo, a galope... segurando um estandarte... sozinho, seguindo na direção de um grande exército de salamandras...

Alionor se incomodou com a fala, especialmente a parte do “sozinho”, e engoliu a seco. Ela continuou a olhar fixamente para ele. Estreitou os olhos, misteriosamente, e, depois, se afastou.

Em seguida, Axtre, a elfa que não parecia uma feiticeira, pois se vestia com trajes militares, se aproximou da bacia e repetiu o ritual. Lavou o rosto e se acercou de Alionor, colocando os braços na mesma posição que fizera a outra elfa e dizendo:

-Eu, Axtre de Néneve, Senhora da distante Sepitha, protetora do Vale de Aar, toco a vossa alma!

E também passou a cheirar o ar em torno de Alionor, contudo de forma menos discreta.

-Alegrias e sofrimento, como todo homem – iniciou ela, - contudo... fatos que afetam a vida de todos... Vejo mãos calejadas, calejadas e sangrando... mas sangrando com alegria, a alegria de ajudar quem precisa...

Então, ela fez uma pausa e ficou espantada, diante do futuro Rei de Espadas.

- Vejo os teus filhos e... – continuou, com uma voz embargada, visivelmente emocionada. – Uma menina de orelhas protuberantes... a Senhora do Amor... Através dela... – nova pausa, ela parecia emocionada demais para continuar, mas, por fim, se controlou: - Um novo caminho para a nação élfica... Um futuro grandioso...

Em seguida, ela lhe falou, mas falou de uma forma diferente. Apenas as palavras brotaram em sua mente, com a voz da elfa, mas sem que ela emitisse som algum, ou movimentasse a boca:

“Darás à tua primeira filha o nome de Aldária!”.

Então, inesperadamente, e ainda emocionada, Axtre de Néneve se ajoelhou. Encostou o joelho direito no chão, enquanto mantinha a sola do pé esquerdo firmemente plantada no piso, e disse:

-Diante de ti me ajoelho, Rei dos Homens e de Elfos!

#####

Enquanto Sirius estava em Karnevion, Rigel e Bethelguelse se dirigiram até Olmea e Alto Sanco. Nesse reino, conseguiram apenas vagas promessas de estudar a causa de Alionor por parte da Grã-Sacerdotisa das Montanhas da Lua. Mas, em Olmea, conseguiram um acordo com o rei Casimiro. Olmea estava em estado de alerta contra Beliária, porque esse reino havia violado um antigo tratado que estabelecia o Rio Sanco como divisa natural entre os reinos, ao instalar, numa ilha do rio, uma guarnição militar. Assim, conseguiram o apoio de Casimiro não porque este acreditasse na causa de Alionor, mas para firmar uma aliança contra Asturfo.

Após isso, Rigel, Bethelguelse e Godos rumaram para Ismar, mas, antes, se dirigiram para a floresta de Roc-Hai.

-E lembrai-vos – disse Godos pela milésima vez, - concordei em trazer-vos até aqui, mas entrar na floresta eu é que não vou!

-Acredito que não será necessário, meu bom cavaleiro! – exclamou Rigel em resposta, mais uma vez.

E, naquele momento, avistaram os limites da floresta.

-Ei-la! – disse o Estuven. – A floresta maldita! O lugar onde quem entra não sai, exceto, é claro, aqueles amaldiçoados cavaleiros arqueiros!

Mal Godos havia pronunciado aquelas palavras, viram, ao longe, uma linha de cavaleiros se formando gradativamente. Deviam estar em cinqüenta. Imediatamente, Godos desmontou de seu cavalo e fez um sinal para que os dois magos fizessem o mesmo. Em seguida ele ergueu ambos os braços, num sinal que vinha em paz. Depois, retirou a espada da bainha e a jogou longe.

Porém, Bethelguelse, prevenida, retirou a pequena varinha de dentro do hábito. Ela não queria correr o risco de alguma flecha varar o companheiro. Se viesse uma, ela pretendia torr-la antes que atingisse alguém.

-É notável o que essa pequena varinha pode fazer! – comentou Rigel, desmontando do cavalo.

-Não se preocupe – disse Bethelguelse, - minha mira é boa!

Mas as flechas não vieram. Um dos cavaleiros desceu do cavalo, ao longe, e Godos caminhou lentamente em direção a ele, com os braços levantados. O cavaleiro também caminhou em direção a Godos e, quando estava mais próximo, este reconheceu o líder deles, Sirata, o louro. Quando este estava a apenas alguns passos, de deteve, e indagou:

-Ora, ora! Se não é Godos Estuven! O que está fazendo aqui, Godos, perdeu alguma “caça”?

-Sabes que já não faço mais isso, Sirata. Agora sou um novo homem!

-Novo homem? – duvidou o cavaleiro, sorrindo ironicamente. – Uma vez selon, sempre um selon.

-Estou desarmado, podes ver. Vim em paz.

-O que tu queres, Godos? Não temos nada para ti! – exclamou o cavaleiro, rusticamente.

-Vim em nome de meus novos senhores. Aqueles ali são magos de Lumerae. Já deveres ter ouvido falar! – disse Godos, sem abaixar as mãos, pois estava sob a mira de dezenas de arcos.

Sirata, o louro, olhou para Rigel e Bethelguelse. Seu olhar demonstrava um misto de incredulidade e esperança.

-Sim, já ouvi falar deles. Seres com poderes especiais que ajudam os necessitados... Mas isso não existe! Tudo o que vejo é um velho e uma criança!

-Olha – explicou o Estuven, - Lumerae está propondo uma ampla aliança de todos os humanos contra as salamandras. Vale a pena falar com eles... eles podem te provar!

-Provar? – repetiu, pensando, o cavaleiro. – Sim, eles podem me provar! Chama-os!

Então, Godos abaixou as mãos e fez um sinal para que se aproximassem.

-Ah, então esses são magos de Lumerae? – indagou o cavaleiro, assim que se aproximaram. – Não acredito muito nessas histórias, mas podem provar que o que dizem ser é verdadeiro. Deverão penetrar em Roc-Hai, pelo lado mais sombrio da floresta, e ali permanecer por uma noite. Se, no raiar do dia de amanhã, saíres ilesos de lá, bem, então acreditarei em vós. A floresta decidirá!

E, ao dizer isso, deu as costas aos magos e voltou até os seus companheiros. Bethelguelse e Rigel se olharam, pensativos. Eles ouviram falar de histórias terríveis a respeito daquela floresta e que quem ali entrasse jamais sairia.

Contudo, os dois entraram na floresta e ali permaneceram durante a noite. Lá, Bethelguelse vivenciou uma das experiências mais plenas e desafiadoras de sua existência, mas que não cabe descrever aqui. O fato é que, ao raiar do dia seguinte, com os cavaleiros já posicionados na região onde os magos haviam penetrado no dia anterior, Bethelguelse e Rigel saíram de Roc-Hai, tão ilesos quanto quando entraram. Sirata, o louro, apenas acenou positivamente para eles. Pela primeira vez em sua vida, sentira que a Era das Salamandras poderia estar no fim.

#####

Em seguida, dirigam-se ao norte e, uma semana depois, estavam em Ismar, a grande cidade mais próxima de Piramar, apresentando-se diante do Rei Albardar III.

Ismar era a capital do maior reino da Mesovíngia, que tinha o mesmo nome da cidade, que, na época, correspondia a cerca de meio milhão de quilômetros quadrados, estendendo-se desde as margens norte do Rio Mégion até as terras angelicais de Armon, no norte da Mesovíngia. Contudo, as salamandras arrasaram completamente esse reino, não permitindo o desenvolvimento de nenhuma grande cidade na região. Ismar era uma exceção, pois era um lugar temido pelas elementais do fogo. Situava-se sobre uma extensa e elevada formação rochosa, do alto da qual brotavam inúmeras fontes e gêiseres, de onde jorrava água em abundância, em quantidade tal que transbordava pelas bordas laterais da formação, gerando inúmeras cachoeiras permanentes, as quais davam origem a quatro rios, cada um dos quais seguia numa direção diferente. Ali, os humanos habitavam a cidade há oito séculos e meio, desde que os elfos, os antigos senhores de Nenmenah (o nome da cidade na Era dos Elfos) a abandonaram, quando as salamandras arrasaram a grande floresta de Athlanda. Os ismarianos eram descendentes dos servos de tais elfos e o Rei Albardar era descendente direto do primeiro rei humano de Ismar, Nenmesotro, o primeiro dos servos do último rei de Nenmenah. A população da cidade era extremamente religiosa e acreditava que o lugar fora preservado contra a voracidade das salamandras por graça da Deusa Mãe. Por isso, ali ergueram diversos templos dedicados à potestade. Mas vários quesitos da cultura élfica foram preservados, como o respeito às árvores e diversos termos da língua Kalina. O nome dos rios, por exemplo, embora complicados, foram mantidos. Assim, o rio que seguia para leste, o mais curto de todos, pois desaguava no próximo Sanco, se chamava Nenneureoin; o que corria para o sul e desaguava no Mégion, Nennotuoin; o que seguia para oeste e desaparecia nas águas escuras e místicas do Planoin, na região norte de Karnevion, Nenzephiroin; e, finalmente, o mais extenso de todos, seguindo para o norte, por uma extensão de quase quinhentos quilômetros, se projetando em cataratas através da garganta abissal de Al-Khorua, onde, na época do auge da era de Alionor, se situava o condado de Dalbathea, o Nenboreoin.

E, tão logo avistou a cidade, com a visão de múltiplos arco-íris sendo formados ao redor das cachoeiras, mesmo a distância, Bethelguelse sentiu a força que emanava do lugar, uma força ao mesmo tempo serena e poderosa. Rigel, por sua vez, teve uma reação completamente diferente ao avistar a cidade. Sobre a carroça onde viajavam, sentado na parte da carga, sem desviar os olhos da cidade, ele disse, quase casualmente:

-Não vou poder entrar em Ismar.

Bethelguelse estranhou:

-Como não? É a tua cidade natal!

-Não sou um homem com um passado ilibado, minha pequena senhora – explicou ele, sôfrego, ainda a mirar Ismar. – As coisas que fiz... aqui... não são dignas de nota!

-Mas que diabo de coisa podes ter feito de tão grave que te impeça de entrar nessa porcaria de cidade?

Rigel não pôde deixar de sorrir, porém nervosamente, do palavreado da jovem maga. Mas logo ficou sério novamente, olhou para ela e confessou, visivelmente envergonhado:

-Engravidei diversas moças e depois as abandonei...

-Ah, é isso? – disse ela, sem abarcar completamente o nível de sofrimento do companheiro. – Acho que tiveste tirado a vida de algum desgraçado!

-Não sou digno de voltar a pisar na cidade em que nasci... – insistiu o ancião. – Não sou digno de me apresentar diante de Albardar, o mais digno dos ismarianos!

-Ah, é? Vais me abandonar agora, tal qual um covarde lazarento? O que é? O medo te paralisa? Pois não vais dar para trás justo agora! Tu vais sim!

-Senhora... eu... – tentou interpor ele.

-Quer que te jogue um feitiço? – disse ela, resoluta.

E foi assim que, ambos, se apresentaram diante do rei. Ele os recebeu de pé, numa sala em que não havia trono. Vestia-se de maneira simplória e não portava nenhuma coroa na cabeça tampouco. Parecia cético, mas, ao mesmo tempo, interessado no que Rigel e Bethelguelse tinham a dizer. Não era nem alto nem baixo, parecia um homem comum, contudo, embora estivesse na meia idade, parecia bastante forte e ágil. Os magos apresentaram sua causa e solicitaram o seu apoio. Ele pensou por alguns instantes, com uma fisionomia de incredulidade, depois caiu na risada, uma risada ao mesmo tempo irônica e sôfrega, ponderando:

-A mim vindes pedir ajuda? A mim? Mas o que sou eu? Chamai-me de rei, mas sou, no máximo, o prefeito de uma cidade que apenas sobrevive, afundada em sua própria teimosia em viver! Estais vendo aquela coroa?

E apontou para a coroa. A bela peça de ouro, cravejada com rubis e esmeraldas, estava pousada sobre uma almofada azul, sob uma redoma de vidro, no alto de um pedestal de um metro de altura, abandonada num dos cantos da sala, pouco perceptível aos olhos de quem não conhecia o lugar.

-Jamais coloquei aquela coroa em minha fronte e jamais poderei fazê-lo. O que é Ismar nos dias de hoje? Pedis vós meu apoio contra as salamandras, mas o que posso oferecer? Nem mesmo um exército eu tenho!

-Um exército? – indagou Bethelguelse. – Mas isso não é problema!

Albardar olhou espantado para ela. Não sabia o que ela queria dizer.

-Se eu fosse a vossa majestade – continuou a maga, - olhava pela janela!

O rei, por alguns instantes, ligeiramente desconcertado, pois não sabia o propósito daquelas palavras, e ao mesmo tempo desconfiado, hesitou, mas, depois, caminhou em direção à imensa sacada. Eles estavam no pavimento superior da larga torre redonda do palácio real de Ismar, que possuía uma varanda que contornava todo o seu perímetro. Naquela época, a grande catedral ainda não havia sido construída, assim, quem estivesse na sacada, poderia caminhar ao longo de sua extensão e observar muito além da cidade, em todas as direções. E foi o que o Rei Albardar III fez naquele momento e, por todos os lados que direcionou os olhos, por toda parte ao redor da cidade, formando um tênue círculo negro com dezenas de quilômetros de circunferência, viu um exército de mais de quarenta mil cavaleiros arqueiros. E ele sabia quem eram, sabia que se tratavam dos caveleiros de Roc-Hai, filhos de Ismar de várias gerações que haviam abandonado a cidade para se dedicar ao combate das salamandras, formando uma comunidade a parte. Quando constatou o tamanho daquela força, ficou pensativo, olhando para o chão. Foi quando percebeu a maga ao seu lado.

Virou-se para ela e viu que ela segurava um inesperado objeto, estendendo-o em sua direção.

-Majestade, vossa coroa!

#####

No mês seguinte, Sirius, Meissa e Alionor, acompanhados por Rigel e Bethelguelse, partiram para o ocidente. Em cavalos, entraram em Tuê, o reino dos gigantes e atravessaram as desoladas terras de Samyaza. Lá, atingiram a magnífica cidade que estava sendo construída em homenagem ao rei, Nestória. Contudo, não encontraram o monarca tuê lá. Foram informados que o rei, que no momento estava em Dominion Prima, a capital, dificilmente os receberia, mas que deveriam seguir até Sitht, e lá solicitar uma audiência com o príncipe Sith, um dos filhos de Nestor. Se ele concordasse em apoiá-los, estariam a um passo de convencer o rei. Assim, seguiram para aquela cidade, havendo-a atingido muitos dias depois.

No caminho, passaram por muitos gigantes que, em quase a totalidade dos casos, mal se importaram com eles. Havia muitos humanos ali, mas, em Tuê, os humanos eram escravos dos gigantes. Meissa considerou os gigantes estúpidos e desimportantes, mas uma coisa lhe chamou a atenção: os machos eram particularmente atraídos por ela. Por onde quer que passasse, eles não desgrudaram os olhos dela. Alguns até indagaram a Sirius qual seria o seu preço, e este teve que conter a maga para que essa não os fulminasse. Já outros chegaram a abordá-lo, sendo que dois deles foram de fato fulminados.

Mas, em Sitht, o senhor de Lumerae finalmente pôde se encontrar com o príncipe. Este o recebeu no seu salão de audiências, mas Sirius entrou sozinho, afinal, os gigantes viam as mulheres como uma raça inferior. Porém, o encontro pareceu não ser lá muito feliz, pois o príncipe não ouviu os argumentos do mago e nem mesmo se impressionou com a oferta de minerais retirados da terra pelos gnomos. Sirius saiu da sala do trono a passos largos. Parecia contrariado.

-Não adianta – disse a todos. – Usei todos os argumentos possíveis, mas ele é irreduzível.

Todos se frustraram. Uns baixaram a cabeça, outros olharam para longe. Todos, exceto Meissa, com sua costumeira expressão séria. Enérgica no tom de voz, ela disse:

-Deixai comigo!

-O que vais fazer? – indagou Sirius, preocupado.

Ela caminhou em direção à porta de bronze. Depois se virou e disse:

-Dai-me três minutos, Sirius. Apenas três minutos!

O mago olhou bem para ela. Imaginou que não poderia acontecer nenhuma tragédia em tão curto espaço de tempo, então a deixou ir. Ela desapareceu através da porta. Entrou na sala de audiência sem ser anunciada. O príncipe ainda despachava com os seus auxiliares. Quando a viu, fez um gesto para que eles se afastassem e olhou a maga de cima a baixo. Meissa imediatamente decifrou o seu olhar e constatou que correspondia ao que ela esperava. Sitht, a cidade que levava o nome do príncipe, ficava no local mais quente da Mesovíngia. Assim, seus trajes de maga, feitos por algumas camadas de fino tecido, grudavam-lhe no corpo, permitindo a contemplação de suas generosas curvas. E ela viu o seu olhar de cobiça.

-A que devo tão inesperada visita? – disse, na língua tuê.

Meissa se aproximou do príncipe gigante. Ele, enorme, mesmo sentado, pois tinha o dobro do seu tamanho, a contemplava de cima a baixo e não procurava esconder o seu sorriso hedonista. Ela, por sua vez, sentia-o como um ser inferior, um disforme, pois o príncipe Sith, por mais feios e rústicos que fossem os tuês, era, talvez, o mais feio de todos, o que, longe de constrangê-lo, dava-lhe mais orgulho.

-Tenho uma oferta a oferecer-vos. Sim ou não. Não há outra resposta – disse ela, segura e firme.

-Pois apresentai vossa proposta! – exclamou, ainda sorrindo, o rústico Sith.

-Se unirdes vosso exército ao nosso, se combaterdes as salamandras ao nosso lado, após a segura vitória, ofereço-vos meu corpo. Uma única noite de amor, não mais que uma, quando me tereis integralmente, de todas as formas!

O rosto do gigante se iluminou. Seu sorriso se abriu, a florou. Então, abrindo a boca sutilmente, para responder como num sussurro, disse:

-Aceito a vossa oferta!

#####

E assim, o exército que mais tarde expulsaria as salamandras da Mesovíngia começou a ser formado. Sirius reintroduziu conhecimentos de geometria e o Teorema de Pitágoras, bem como a álgebra de equações de segundo grau junto aos gnomos, que haviam, há séculos, perdido tal conhecimento. Com isso, aprimoraram a engenharia de construção de catapultas e outras armas de guerra, conhecimento esse que compartilharam com os gigantes. Estes, porém, tendo menor capacidade cognitiva, não aprenderam, mas, mesmo assim, sob a supervisão de gnomos, construíram enormes trebuchetes. Não que eles tivessem esperança de colocar as sólidas muralhas de Piramar abaixo, mas pretendiam bombardear o interior da cidade a distância. Adicionalmente, os gnomos ensinaram os elfos a aprimorar as suas técnicas de siderurgia, especialmente a controlar a maleabilidade do aço. Assim, os elementais do ar fabricaram grande quantidade de armaduras e lanças. O poderio militar de Olmea também cresceu, com o reforço de soldados vindos de Altosanco e tropas treinadas em Barratas. Assim, o rei Asturfo se viu obrigado a recuar e desmontar o forte construído na ilha do Rio Sanco. E, sentindo o crescimento do poder de Alionor, Beliária finalmente, meses antes da tomada de Piramar, reconheceu Alionor como o supremo rei da Mesovíngia Oriental. Alionor, por sua vez, exigiu que Asturfo encerrasse imediatamente qualquer envio de pessoas a Piramar e, mais uma vez, o rei de Beliária teve que ceder. Contudo, os beliarianos jamais participaram da campanha contra as salamandras. O rei Albardar, por sua vez, peregrinou através das aldeias do norte, recrutando um número enorme de homens esperançosos com a derrota das salamandras, levando-os até um grande acampamento instalado em Barratas, onde foram treinados. Contudo, essa campanha foi bastante sangrenta, pois as salamandras, alarmadas, constantemente enviavam homens de fogo em ataques contra destacamentos ismarians, provocando muitas baixas. Mas o Senhor de Ismar se mostrou hábil na arte da guerra, e também causou muitas baixas nos pelotões salamândricos. Tanto que, dois anos depois de iniciada a liga militar, os elementais de fogo encerraram-se por trás das muralhas de Piramar e, de lá, não saíram mais até a queda da cidade.

Mas, nos anos em que isso acontecia, Meissa cumpriu a missão a ela designada por Sirius. Percorreu cidades e vilarejos, auxiliando mulheres desamparadas. Durante meses, cumpriu a risca as determinações do Senhor de Lumerae, até que algo aconteceu.

Era uma manhã chuvosa. Uma garoa caía insistentemente e o chão já estava todo encharcado. Meissa estava num vilarejo próximo às Montanhas Chorasas e Sirius chegara na noite anterior. Logo que o Sol despontou no horizonte, sob as nuvens, eles foram chamados por um homem assustado. Acompanharam-no até uma rua espremida entre casas. Lá, encontraram o corpo de uma mulher. Estava morta, estrangulada.

-É a terceira! – exclamou o homem.

-Um assassino em série – concluiu Meissa, olhando fixamente para o corpo, sem expressão. – Vou encontrá-lo.

-Vou te ajudar na busca – disse Sirius, abaixando-se para examinar o corpo, apoiado em seu cajado. – Mas lembra-te: se o encontrares, não faça nada com ele, traze-o a mim!

Meissa olhou para o mago fixamente, sem que este pudesse adivinhar o que ela pensava. Também não disse nada e Sirius temeu que ela tivesse os seus próprios planos.

Desde que iniciara a missão que o Senhor de Lumerae a havia incumbido, ela tivera um estilo particular de ajudar as mulheres desamparadas. Ajudava-as, de fato, protegendo-as, mantendo os maridos ou companheiros afastados, mas, ao observá-las, ao tomar contato com suas crenças e costumes, detestava-as. Considerava-as ingênuas e fracas. Algumas conversavam com ela, contando inocentemente suas convicções e esperanças. Algumas tinham esperança que o marido alcoólatra se regenerasse e mudasse, tratando-as com carinho e amor. Meissa, mais ouvia que falava, mas quando emitia alguma opinião, se limitava a dizer algo como:

-Sem chance!

E, de fato, durante todos os quase dois anos que cumprira essa missão, jamais vira tal coisa acontecer.

O que mais a incomodava era o fato de se ver naquelas mulheres. Pelo menos não o que ela era agora, uma maga, mas o que ela fora no passado, uma menina amedrontada, que tudo o que tinha era uma vaga esperança de sobreviver. Aquelas mulheres acreditavam num futuro melhor, e era isso o que tinham para continuar. Mas Meissa não acreditava nisso. O que ela via no futuro daquelas mulheres – sem ter o dom da clarividência de Bethelguelse – era um fim triste e sombrio, um contínuo envelhecimento em meio à solidão e desamparo.

Mas, o fato é que, uma semana depois, o corpo apodrecido do assassino foi encontrado, numa condição terrível de se ver. Ninguém soube o que aconteceu com ele. Apenas rumores foram ditos. Contudo, houve uma testemunha ocular do ocorrido.

#####

Dias depois, quando Meissa retornou ao alto do Monte Lumerae, ao descer da carruagem no pátio principal da cidadela, encontrou Godos duelando com Alionor, ensinando-lhe a arte da luta com a espada, enquanto que, mais adiante, Dantos cuidava dos cavalos no haras. Foram as aulas de Godos que fizeram do futuro rei de Brenor um exímio espadachim, embora o ex-selon tivesse um estilo todo próprio de ensinar, sem muita paciência:

-Eu disse para levantar a sua lâmina, desgraçado! – dizia ele, exasperado com os erros do aluno.

-Estás falando com o teu futuro rei, Godos! – disse Rigel, assistindo a peleja, achando graça.

-Estou? – indagou ele, ironicamente. – Não vai sobreviver à primeira batalha!

Mas, tão logo Meissa desceu da carruagem, Sirius saiu de dentro da pirâmide, cem metros adiante. Rumou incontinenti em direção a ela, e não parecia lá muito feliz.

-Eu te avisei para não usar encantamentos negros! – vociferou ele, rusticamente.

Ela o olhou com desdém e respondeu:

-Aquele sujeito não merecia viver. Assassinou quatro mulheres na vila. E depois... não é da tua conta que encantamentos usei!

-Não é da minha conta? – indagou ele, aparentemente furioso. – Sabes qual é o problema contigo, Meissa? Não tens humildade! Mas nunca é tarde para aprender. Estás merecendo uma lição!

-Lição? – respondeu ela, rindo. – Está para nascer quem fará isso!

-Pensas que és poderosa, não és? – indagou ele, seriamente, estreitando os olhos. – Pensas que és onipotente, que não podes ser derrotada, não és? Pois prepara-te, maga!

E ergueu o seu cajado e acrescentou:

-Sublimatio!

Então, Meissa sentiu um forte puxão em sua mão, que arrancou o seu cajado, arremessando-o longe. Ela não esperava aquele golpe, mas logo se recompôs: estendeu o braço e o cajado voltou voando para a sua mão.

-E tu? – retrucou ela. – Também te achas poderoso, não? Achas que podes me vencer? Duvido! Calcinatio!

E uma bola de fogo foi arremessada do seu cajado, seguido de um rastro incandescente, como um cometa. O fogo atingiu Sirius, mas, antes, este gritou:

-Coagulatio!

E a bola se dissipou contra o seu cajado. Mas Meissa manteve o encantamento e um jorro de fogo continuou a ser emitido contra o cajado de Sirius, que dissipava o calor. Mas ele estava cedendo sob a pressão da força da maga e viu que não conseguia mais manter a posição do seu instrumento. Esse, então, passou a se aproximar do seu próprio rosto. Contudo, num esforço violento, cerrando os dentes, ele reagiu como uma explosão de força, que arremessou Meissa cinco metros para trás, cessando o seu encantamento. Ela caiu de costas, cansada e sem conseguir se levantar imediatamente. Sirius caminhou até ela a passos largos, e, enquanto ela procurava se colocar em pé lentamente, ele disse:

-Achas que isso foi um encantamento poderoso? Eu vou te mostrar o que é poder! Calcinatio!

Agora foi a vez de Sirius. Mas havia muitas variantes dos encantamentos, assim, em vez de uma fola de fogo, o que atingiu Meissa foi um raio incandescente. Ela se defendeu com um iluminatio, e o raio ficou preso ao seu próprio cajado, pressionando-a para trás, mas ela sustentou o encantamento, apoiando um joelho no chão.

-Por favor, paraí! Paraí! – implorou Rigel, havendo se aproximado, juntamente com outras pessoas.

Mas Sirius e Meissa nem ouviram, entregues à contenta. Sirius continuou forçando para a frente, até que os cajados se tocaram, concentrando uma energia tremenda, o que fazia com que os seus instrumentos mágicos tremessem.

-O que queres? – indagou Sirius, parecendo enlouquecido pela cólera. – O que esperas agindo assim? Por que não cedes à nossa condição de magos?

Nisso, Rigel saiu correndo um tanto atrapalhado, quase caindo, e entrou na pirâmide. Alionor tentou se adiantar para fazer alguma coisa, mas Godos o deteve.

-E acreditar no que acreditas? Simplemente não posso! – exclamou ela, em resposta, empregando todas as forças que tinha, tomada pela raiva, que sentia crescer dentro de si, cada vez mais e mais. – Acreditar no Senhor da Luz? – Seus corpos tremiam, suas faces estavam a um palmo uma da outra. Seus olhos, fixos no oponente. – Como podem os deuses serem bondosos, se há tanta desgraça no mundo?

-Ah, é isso então? – disse ele, gemendo concomitantemente, dado o esforço que fazia para superar a defesa de Meissa. – Não há deuses onipotentes, Meissa. O Senhor da Luz é apenas um ser mais evoluído que nós e que também é limitado para desfazer as mazelas do mundo!

-Ah, é? – disse ela, tentando rir, para desdenhar da fala do oponente, mas sofrendo, sentindo as mãos se queimarem. – E como podes saber?

-Ele me disse! – gritou Sirius, explodindo em cólera. Explosão essa que se refletiu no encantamento, arremessando longe o cajado de Meissa e fazendo-a novamente cair para trás.

Sirius ficou em pé, embora estivesse quase despencando, segurando o seu cajado, respirando rapidamente, quase sem fôlego. Meissa se contorceu no chão, na posição fetal. Seu corpo inteiro lhe doía e suas mãos estavam gravemente queimadas. Mesmo assim, depois de alguns segundos, ela conseguiu se sentar no chão, com as palmas das mãos para cima. Seu rosto se contorcia de dor, mas, mesmo assim, ela balbuciou:

-O que resta para a humanidade, Sirius? Que sombrio futuro nos espera? Se há aqueles que matam e aqueles que morrem, quem são os que ficarão no final? Não há bondade dentro do homem, Sirius... Procurei essa bondade em Corbe e depois aqui, em toda a Mesovíngia, e tudo o que vi foi... – e olhou para a vastidão que se descortinava além do topo do Monte -... foi angústia, submissão e opressão... a inveja e o orgulho... o egoísmo e a cobiça!

Sirius olhou para ela estupefato. Não sabia o que fazer para lhe mostrar o caminho, e aquilo o exasperava. E, ainda mais angustiado, viu que ela não desistira, pois atraíra novamente o cajado para si, se levantava cambaleante e se firmava nos dois pés. Em seguida, como se fosse um pesadelo, viu ela correndo para si e mal teve tempo de erguer o próprio cajado. Eles se encontraram novamente e passaram a tremer com o encontro. Nenhuma palavra foi dita, mas mais energia tornou a se concentrar naquela união. Então, ambos

sentiram um ao outro, como se fosse num beijo. Meissa sentiu a força do cajado do Senhor de Lumerae. Teve certeza que superava em muito o seu próprio, afinal, aquele era o cajado do mal, do poder. Ela sentiu aquilo penetrando em sua alma. Sentiu o prazer e, ao mesmo tempo, o terror daquele poder negro incomensurável, que Sirius tentava regular. Sentiu como era doce o seu sabor, embora tivesse certeza que morreria ali, pois jamais poderia vencer tal potência. Ao mesmo tempo, ela tinha que lidar com o seu próprio cajado. Ele lhe tornava mais fraca, mais doce, mais sensível, pois aquele era o cajado do amor. Assim, tinha que vencer a resistência do seu próprio instrumento para atacar o oponente e aquilo consumia a sua vitalidade. Sirius, por sua vez, agora, sentiu todo o ser da sua pupila. Viu uma negritude, um ódio e uma desesperança que o aterrorizou. Viu um ser macabro, de poder incomensurável, sem coração, que não poderia jamais deixar o solo santificado de Lumerae, sob o risco de destruir o mundo inteiro. Ao mesmo tempo, viu um leve resquício, uma ponta, uma tênue pegada de uma menina amorosa, desesperada por uma tábua de salvação, que lhe fizesse novamente acreditar na humanidade. Então, o mago hesitou. Deveria deixá-la, apostando que a menina venceria a batalha interior pelo controle do ser de Meissa? Ou deveria matá-la sumariamente, ali e agora, para não correr o risco que a criatura macabra tivesse a chance de dominar o mundo? Sob a indecisão, sentiu que ela ganhava terreno. O poder do seu cajado enfraqueceu e ela estava prestes a deferir uma liberação de energia que o mataria. Mas talvez fosse melhor ser consumido, ele próprio, ali, e se juntar a Emeralda na terra dos mortos. Estava cansado, muito cansado. Meissa, por sua vez, sentiu que o poder do mago enfraquecia e, pela primeira vez, sentiu que poderia vencer. Mas o que deveria fazer, usar toda a sua força. Isso o mataria? Deveria matá-lo? Ele não era apenas mais um idiota que acreditava em coisas ingênuas? Talvez devesse deixá-lo ir, ou então... matá-lo e acabar de vez com a ilusão da campanha de Alionor. Mas havia uma coisa a mais, e era o principal. Amava-o. Agora tinha certeza, amava-o desesperadamente.

Contudo, mesmo diante daquelas indecisões, energia se concentrava nos cajados, que já assobiavam e se aqueciam. E, sem que palavras fossem ditas, aquela concentração não seria liberada. Então, o que se esperava era uma explosão. Uma explosão que certamente mataria os dois e provavelmente arrancaria o topo do Monte. Ambos, ao mesmo tempo, entenderam que era isso o que aconteceria. Mas nenhum dos dois teve força mental suficiente para evitá-lo.

Então, uma explosão se fez sentir.

Mas não foi Meissa que emitiu um encantamento. Nem tão pouco foi Sirius. Mesmo assim, a força da explosão foi pequena. Apenas o suficiente para jogar os dois magos dois metros para trás. Sirius sentiu que caiu no chão e batera violentamente as costelas no piso duro. Algo misterioso absorvera a energia concentrada. Estava tonto. Não pôde erguer a cabeça, mas, com a vista turva, pôde vislumbrar Bethelguelse, bem na posição onde os cajados se encontravam, segurando o cajado de diamante. Em seguida, olhou para Meissa. Ela estava caída no chão, aparentemente inconsciente. O mago não pode ver o seu rosto, mas viu que o seu hábito estava todo sujo e que ela não se movia. Fechou, então, os olhos, apenas entoando um pensamento:

-Vamos, menina. Vence, vence!

#####

Nos dias seguintes, Sirius, que não sofrera injúrias físicas na peleja, cuidou pessoalmente de Meissa. Aplicou-lhe remédios nas mãos e no corpo, que auxiliaram na cura das queimaduras. Passou horas e horas ao lado dela. Ela pouco acordou durante dias e, quando estava melhor, nada quis falar com ele. Simplesmente o ouvia falar sobre os deveres dos magos, mas, invariavelmente, virava o rosto com desdém, calada. Sirius estava feliz por não a haver matado naquele momento de descontrole emocional. Contudo, o desenrolar dos acontecimentos faria com que os dois magos se separassem e mal se vissem por um longo período.

Depois de uma semana do ocorrido, chegou a notícia que as salamandras haviam convocado hordas de selvagens do norte para a captura de humanos para Piramar e também para liquidar os exércitos que estavam sendo organizados. Essa notícia era bastante ruim, mas não era a pior parte. Um dia, quando Godos retornou a Lumerae após alguns dias fora, reportou uma notícia desconcertante:

-...a fonte é segura – disse a Sirius, numa reunião no hotel. – Um velho conhecido meu, servo em Piramar. Ele viu com os próprios olhos. Viu quando aquele subordinado de Mitrax... como se chama mesmo? Ramuel... isso! Ramuel! Ele viu quando o anjo saiu do palácio da rainha Ishdrahmak, parecendo satisfeito!

-Um acordo entre as salamandras e Mitrax... – disse Sirius, vagamente, pensando e mexendo na barba que, naquela época, era mantida curta e ainda conservava vários fios escuros. – Bem... isso muda tudo!

-Vamos desistir? – indagou Godos, um tanto desapontado.

-É claro que não – respondeu o mago, serenamente. – Muito pelo contrário, temos que nos apressar. Já estamos atrasados em nosso cronograma. Vamos colocar nossas forças em marcha, convocando os nossos aliados. Temos que tomar Piramar antes que possivelmente cheguem reforços angelicais. Por mais fortes que estivermos, jamais poderemos enfrentar uma centúria sequer de anjos!

E assim fizeram. Contudo, ainda levou quase um ano para que as tropas de Alionor pudessem cercar a capital salamândrica. Isso se deveu às intensas massas de selvagens do norte que foram despachadas para a Mesovíngia. Durante essa época, Sirius designou Meissa para lutar ao lado do jovem rei, enquanto que ele mesmo cuidava do processo de finalização do treinamento e recrutamento de soldados, bem como construção de máquinas de guerra. Alionor havia adotado uma palavra para a sua causa: brenor. Era uma palavra que não lhe saía da mente desde quando visitara o reino dos gigantes e, em tuê, a palavra significa: liberdade aos homens. A palavra virou uma espécie de slogan, e rapidamente se espalhou por toda a Mesovíngia, contaminando corações, refletindo um profundo desejo da população por uma vida mais digna. Tanto que um grande número de beliarianos começou a chamar Alionor de Rei de Beliária, embora Asturfo se mantivesse ainda firme no poder. Foi nessa época, também, que se deu o famoso episódio da morte do príncipe Sith. Alguns imaginaram que sua morte tivesse sido realizada por parte da própria Meissa, para que essa não tivesse que cumprir sua

promessa feita ao gigante, contudo, testemunhas oculares viram uma flecha selvagem em chamas atravessar a garganta do príncipe. Foi então que Alionor, contando somente com dezesseis anos, levou o corpo do príncipe até o seu pai, o rei tuê Nestor, conseguindo o apoio deste para a sua causa. E, ainda, este rei presenteou Alionor com o objeto que o caracterizaria como o grande Rei de Espadas: sua espada nuai¹.

Assim, no ano dois antes do início da Era dos Grandes Reis e Rainhas, Piramar foi cercada, após a maioria das hordas selvagens terem sido derrotadas por uma liga formada por ismarianos, gigantes e elfos. E, com um mês de cerco, as forças aliadas adentraram a cidade e as salamandras que ali ainda viviam pereceram em batalha², embora um grande contingente delas tenha fugido anteriormente, rumo ao norte.

Mas, para que isso se concretizasse, em meio aquele mar de chamas, com o céu e a terra pegando fogo, o maior trunfo das salamandras teve que ser neutralizado. Tratava-se de Pharmagon, o senhor dos dragões. Para isso, Sirius ficou de pé, estático, no meio do campo de batalha, a um quilômetro dos portões da cidade, com os olhos fechados e segurando firmemente o cajado, mentalizando, enquanto Meissa, sem que ele soubesse, o protegia do ataque das forças inimigas.

Intimamente, ele proferia um encantamento para atrair o dragão. E, de fato, o fez, pois Pharmagon pousou bem diante do mago, fazendo a terra tremer. Ele abriu os olhos apenas para ver o monstro de cem toneladas – um animal tão grande que já estava no limite de peso possível para um ser vertebrado no planeta – que ergueu o pescoço projetando um largo jorro de fogo para as alturas.

É claro que o mago temeu, pois o medo se alojou em seu coração. Mas Sirius sentira também o poder do seu cajado e não acreditava que ele poderia ser destruído por algum dos elementos mundanos. E foi assim que as intensas labaredas do monstro não conseguiram vencer o encantamento do cajado, quando ele atacou o mago. E Sirius estudara profundamente os encantamentos e entendeu a profundidade do conjunctio, embora não pudesse abarcar toda a riqueza de detalhes de suas variantes. Assim, quando evocou tal encantamento contra o dragão, o seu efeito foi-lhe surpreendente, pois, longe de simplesmente controlar a mente do animal, viu-se projetado num outro lugar: uma gruta escura, iluminada por archotes, tendo diante de si um ser excepcionalmente diferente: um homem nada comum. Um homem que talvez não fosse um homem. Um ser humanóide que seguramente não era daquele planeta, pois tinha quatro braços e segurava dois cajados, o qual Sirius intuiu ser um mago alienígena. Mas um mago mais poderoso que si mesmo.

Ele, parecendo indignado e enfurecido falou algo em uma língua estranha, que Sirius não compreendeu. Algo como:

-Auslahe vigne au marci Kanera!

E seus olhos intensamente azuis passaram a brilhar e sair faíscas de seus longos cabelos. Seus braços musculosos ergueram os cajados e os posicionaram ameaçadoramente

¹ Este episódio é descrito em Os Cinco Príncipes, terceiro volume da série A Saga de Mitrax (N.A.).

² A tomada de Piramar é narrada em O Fogo de Dracmali, quarto volume da série (N.A.).

contra o mago lumeraeano. Sirius entendeu que era ele quem controlava o dragão e que deveria haver um propósito superior nisso, o qual ainda não entendia. Por que um ser alienígena controlaria um dragão que seguia as salamandras na Micropella? Mas, mais grave que isso, Sirius compreendeu que seria atacado. Atacado por um mago provavelmente muito mais poderoso e, então, teria que se defender. Compreendeu também que sua única esperança seria o poder de seu cajado. Teria que confiar nele. Teria que se confiar a ele. E, para fazer isso, teria que ceder. Teria que abrir mão do seu controle e deixar ele extravasar o seu poder. Teria que liberá-lo. Teria que liberar o cajado do mal, libertar todo o mal que havia nele, algo que sempre temera. Mas, nessas circunstâncias, não tinha alternativa.

E assim ele fez. Simplesmente se entregou, não resistiu ao seu instrumento. Então, experimentou o gosto do mal. Experimentou o sabor enauseante do mal, um gosto de sangue, e, ao mesmo tempo, o prazer arrebatador do poder. Simplesmente deixou que eles fluíssem e, antes mesmo que o oponente liberasse o seu encantamento, o fulminou com um mero pedaço de papel a se transformar em cinzas inconsistentes. Assim, assumiu o controle do dragão, incinerando milhares de homens de fogo, experimentando o doce sabor do poder. Gostando daquilo, embora aquela explosão de tamanha potência sugasse a sua alma aos poucos, de tal forma que não conseguiu se manter consciente durante muito tempo.

Sirius somente foi encontrado três dias depois, quando já havia sido dado como morto, estendido sobre a relva, a vinte quilômetros de distância. E a primeira coisa que viu, assim que recobrou parcialmente a consciência – como num sonho – foi o rosto aflito de Meissa e então ele compreendeu que era amado por aquela menina que, naquele momento, parecia uma frágil moça assustada.

#####

A tomada de Piramar se deu no ano dois antes da Era dos Grandes Reis e Rainhas. Em princípio, sábios e historiadores, como Horácio, estabeleceram esse evento como o marco do início dessa era e o final da Era das Salamandras. Contudo, dois anos mais tarde, quando a primeira pedra da nova capital, Marmórea, foi colocada, Sirius insistiu para que este novo evento fosse considerado o marco da nova era.

Após a expulsão das salamandras da Mesovíngia, Alionor foi aclamado com grande consenso como o Grande Rei, ou seja, o rei da Mesovíngia, tendo título superior ao dos reis que regiam os reinos que faziam parte do continente. Através de um acordo com Asturfo, as terras da região norte de Beliária foram doadas para a constituição da capital do reino. Assim, essa área foi denominada como o Ducado de Marmórea.

Nos primeiros anos do reinado de Alionor, este, reconhecido agora como o Rei de Espadas, percorreu toda a Mesovíngia, durante longos anos, e, a cada vila que visitava, Alionor insistia em conversar com o povo, de igual a igual. Raramente usava uma coroa, ou se vestia com requinte. Gostava de roupas simples e, quem não o conhecesse, não diria que estava diante de um rei. Contudo, o povo passou a amá-lo, pois ele adotou leis justas e que beneficiavam a população. Fundou escolas e bibliotecas, fortaleceu o comércio, criou postos de trabalho, combateu a corrupção, estabeleceu milícias policiais em todas as cidades e

vilarejos, melhorou o saneamento básico e a infraestrutura em geral e apoiou largamente a medicina. Sob a sua regência, Brenor prosperou e se tornou uma nação rica.

Assim, mais que vinte anos se passaram. Nesse período, Sirius raramente esteve em Lumerae e, quando esteve, se trancava no interior da pirâmide trabalhando na compilação do corpo de conhecimentos dos Antigos em doze ensinamentos. Nesses anos, tendo nomeado Bethelguelse como a grã-sacerdotisa de Lumerae, pois ela era a real detentora do cajado de diamante, o mago percorreu também a Mesovíngia, mas nunca junto de Alionor. Também esteve na Meriovíngia, na Setentriovíngia e em Tuê, o que lhe demandou muitos anos. Poucos entendiam o que ele estava fazendo nesses lugares, mas Sirius tinha dois propósitos: Primeiro – e mais importante – tentar de todas as formas superar o poder do cajado que, cada vez mais, o fazia gostar do poder e esquecer a piedade; segundo, ele estava trabalhando em diversos projetos, dentre eles a construção da Grande Muralha, cujo desenho e propósito foi estabelecido num dos tratados dos Antigos.

Já Meissa optou por obedecer as ordens de Sirius de permanecer ao lado de Alionor, como uma espécie de guarda-costas. Assim, ela o viu se transformar de um menino num homem. Uma estranha amizade surgiu entre os dois, que consistia em ofensas mútuas que beiravam o carinho, mas Meissa sempre repeliu as tentativas românticas do rei, pois amava outro.

E foi assim que chegou o memorável ano de 22 EGRR. Meissa, com quase quarenta anos, sendo uma maga, aparentava uma moça de vinte e poucos anos. Mulher mais bela jamais foi vista na Mesovíngia. Alionor, um pouco mais jovem, mas com uma aparência mais madura, agora mais encorpado, era, é claro, o partido mais cobiçado do continente. Contudo, o rei somente se casaria em 43 EGRR, mantendo-se fiel ao seu amor impossível até então. Foi nessa época que as kiches infestaram Brenor. Eram criaturas medonhas, que pareciam ter saído de um terrível pesadelo. Tratava-se de aracnídeos gigantescos, sendo que as fêmeas atingiam a altura de vinte metros. Alionor se encarregou pessoalmente de exterminá-las criando, para isso, uma ordem de cavaleiros, que chamou de Ordem do Dragão Dourado.

Mas, no ano de 22, um dia, Sirius retornou a Lumerae e não estava bem. Suava muito e tremia, como se estivesse com febre. Mas a temperatura do seu corpo estava normal. Aquilo alarmou muito Rigel e Bethelguelse, sendo que essa teve vários pesadelos e visões sobre a morte do mago, mas não eram imagens claras e sim enigmáticas. Mas Sirius sabia o que estava acontecendo. Então, numa noite, em que os magos estavam reunidos num salão do hotel, Sirius, com uma voz rouca e entrecortada, tremendo, disse:

-Não posso adiar mais, Rigel... O cajado está destruindo a minha alma... Tenho que realizar o ritual!

-Não, não, mestre! – respondeu Rigel, alarmado. – Poderás morrer!

-Vamos realizá-lo – insistiu Sirius, resolutivo. – Dentro de poucos dias... Toma as providências... E lembra-te: a trave vertical... deve ser três vezes mais longa que a horizontal, pois deve estar em um terço mergulhada... na terra! Temos que fazer rápido, antes que... antes que...

-Mas vós sois forte, senhor! – objetou o ancião, aflito. – Vóis sois o grande Sirius, o Senhor de Lumerae!

-Eu? – indagou Sirius, com a testa cheia de suor e os olhos perdidos. – Eu sou apenas um miserável, Rigel. Um miserável que perdeu a mulher e os filhos... Uma pluma perdida no mundo... vagando ao sabor do vento...

-Que o Senhor da Luz nos ajude! – exclamou o velho Rigel, colocando as mãos contra o rosto.

E, durante as duas primeiras décadas do reinado de Alionor, Meissa também travou a sua luta interna, oscilando entre extravasar a grande raiva que sentia da humanidade, da qual não conseguia se desvencilhar, e o amor que gostaria de sentir. Um amor que crescia a cada dia, impulsionado pelo seu cajado, mas que colocava em risco o seu lado sombrio. Da última vez que esteve em Lumerae, sentiu-se atraída por um livro escrito por Sirius com base nos tratados antigos e reproduzido por copistas. O livro tratava do encantamento Ressurrectio e de suas múltiplas variantes, o qual Meissa carregou consigo e passou a estudar. Coincidentemente, um dia, quando a Ordem estava em Landúlia, a capital de Barratas, Meissa passou ao lado de uma carroça, sobre a qual havia uma jaula e, em seu interior, um prisioneiro gigante. Meissa foi atraída pela sua aparência peculiar. Ele usava um hábito grosso e desgastado, tinha marcas de presas de kiche no rosto e era cego. Contudo, ele sabia quem estava passando ao lado da carroça, pois, quando Meissa estava próxima, disse, em alto e bom tom:

-Sei onde encontrar o conforto espiritual que necessitas!

Meissa se deteve, sem olhar para ele em princípio. Depois, virou-se lentamente e o encarou com aquele olhar peculiar, um misto de raiva, desprezo e compaixão.

-O que disseste? – indagou ela.

-Sei onde encontrar o alívio! Sei onde está o portal para a verdadeira existência!

-Bobagem! – declarou a maga, debochada, mas curiosa. – És um monge kichetu, não és?

-Sei o que se passa com a tua alma. Sou cego, mas vejo! Posso ver a angústia de tuas dúvidas puxando-te para lados opostos, rasgando a tua alma no meio! – continuou o gigante, como se Meissa nada houvesse dito. – Mas tenho a solução!

-Ah, é? E qual é? – debochou a maga, duvidando.

-Para que vivencies a verdadeira realidade, é necessário que morras para essa vida de ilusão. Para poderes ver a verdadeira face do Uno, é necessário morrer para essa vida, para que se possa experimentar a vida eterna! – declarou ele solene e misteriosamente.

-Estás sugerindo que me suicide, para que minha alma imortal continue em outra vida? – debochou ela.

-Não exatamente. Continuarás nesta vida, mas encontrarás o teu verdadeiro eu!

-Falas muito, mas não dizes nada de prático! Como posso fazer isso?

-Como eu fiz. Através do veneno de kiche! – disse ele, com uma voz estranhamente doce.

-Veneno de kiche? – indagou Meissa, agora parecendo interessada. – Conta-me mais sobre o veneno das kiches!

E assim, uma semana depois, em algum lugar ao norte do Monte Lumerae, os irmãos Estuven pregaram Sirius naquela escura trave de madeira. Em seguida levantaram a cruz, depositando-a em nicho profundo no chão, sob os olhares cheios de lágrimas de Rigel. Embora fosse pleno dia, estava escuro. Chovia.

No mesmo dia, a Ordem do Dragão Dourado encontrou um ninho de kiche. E, quando a fêmea apareceu, enquanto os cavaleiros da ordem a combatiam, Meissa caminhou resoluta e se posicionou bem debaixo da enorme criatura. Virou-se e abriu os braços, cerrando as pálpebras. Gritou:

-Ressurrectio Immortalis!

Então, a kiche dobrou o abdômen e projetou o ferrão, varando o peito da maga, sob o sorriso dos seus lábios.

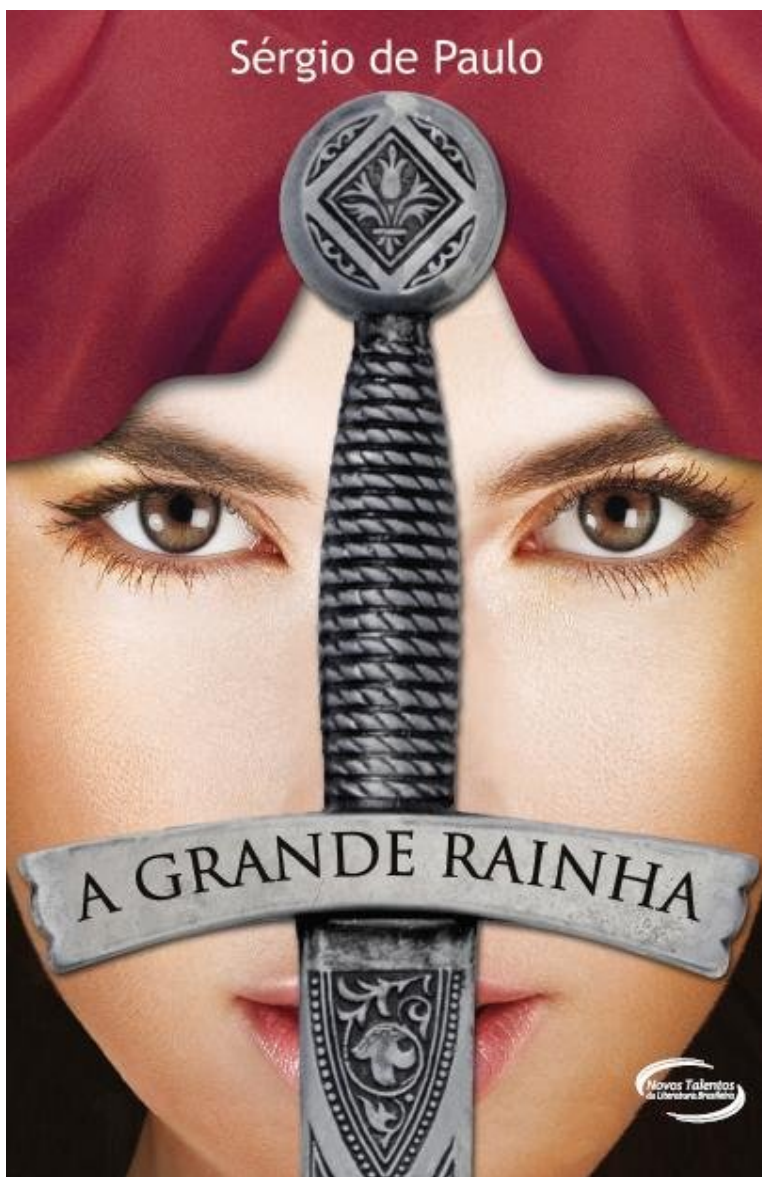
Na cruz, Sirius tremia e chorava, misturando suas lágrimas às gotas da chuva. Projetou a cabeça para trás, comprimindo-a contra a madeira e pensou nos seus finados filhos.

A kiche levantou novamente o abdômen, levando o corpo pregado da maga junto, o qual rodopiou em torno do ferrão, como se, ainda com os braços abertos, sob o som ensurdecedor de mil coros, voasse através do ar como um pássaro liberto.

#####

www.mitraxsaga.com

Já nas melhores livrarias,
o primeiro livro da Saga de Mitrax:



A Grande Rainha

S

obranceiro, mas ao mesmo tempo alerta, penetrou no recinto obscuro.

As paredes e o piso eram de pedra pura. As colunas estavam trincadas, algumas ruídas. A umidade e musgos tomavam gradativamente conta do lugar. Uma goteira insistia em pingar em algum lugar não visível. Parecia que ninguém estivera ali por muitos anos. Mas era pura ilusão. O local estava, sim, habitado.

-Antares? – chamou Sirius.

Não houve resposta e o mago continuou a caminhar. Mas, mal houvesse dado mais três passos, uma parede passou a se mover. Uma parede em formato cilíndrico, que passou a girar sobre si mesma. Ao completar uma revolução de cento e oitenta graus, revelou um homem, não, mais que isso, que estava sentado sobre uma poltrona. Possuía o tronco fornido, braços musculosos, um rosto um tanto gordo que revelara o que outrora fora um belo homem, mas tudo isso contrastando com as pernas que, parecendo mortas, descansavam displicentemente, como que jogadas, finas e sem vida, como de alguém que fosse acometido de poliomielite.

-Sirius? – indagou ele, com uma fisionomia de alívio pelo mago estar ali.

- Vim conforme solicitastes – explicou o mago lumeraeano.

-Depressa! Está ali! – apressou-se em dizer Antares, indicando um nicho na parede com a sua varinha, a qual segurava tremulamente, parecendo usar muito mais força que realmente necessitava. – Pega-o antes que seja tarde!

-Por que? – tentou perguntar Sirius.

-Faze o que digo! – gritou o mago escorpiano. – Se não, eu vou... eu vou... matar-te!

E Sirius viu algo nos olhos dele. Um fogo, um ardor que já havia visto antes em outros olhos. Então, tratou de caminhar em direção ao nicho, mas Antares se elevou. Ergueu-se sobre suas pernas aleijadas e, tremendo, como uma voz modificada, uma voz medonha, bradou:

-Prepara-te para morrer, covarde!

Ressurrectio Immortalis

Parte III:

Coniunctio